

MISSÕES TRANSCULTURAIS

TUDO O QUE VOCÊ PRECISA SABER SOBRE MISSÕES EM TERRAS DISTANTES.



Conversando com:

Dr. **Tiago**
Rafael Vieira

Sobre DIREITO
RELIGIOSO NO BRASIL.

Alisson Brunno

Responde o que é uma seita
e quais são suas características.

Revista

FÉ CRISTÃ

FUNDADA EM 2020

EDITOR-CHEFE/DIRETOR DE REDAÇÃO: Marcos Motta **CAPA:** Gabriel Ferreira **DESIGN INTERNO:** Marcos Motta **CONTRIBUIÇÕES NA EDIÇÃO:** Equipe de colaboradores **DIAGRAMAÇÃO:** Marcos Motta **REVISÃO DE TEXTO:** Lorena Garrucho **TRANSCRIÇÕES:** Priscila Layanne **PUBLICIDADE/DIVULGAÇÃO/PROPAGANDA:** Equipe de colaboradores **ATENDIMENTO AO LEITOR:** Marcos Motta **CONTATO:** redes sociais.

REVISTA FÉ CRISTÃ, edição 3, ano 1, nº 3, publicada em julho de 2020, é uma publicação cristã independente, interdenominacional e mantida tão somente por seus colaboradores. **EDIÇÕES ANTERIORES:** disponíveis para download no endereço eletrônico da revista. Disponíveis para leitura online na página da revista no Facebook. Disponíveis para pedido através de contato via redes sociais oficiais. **A REVISTA FÉ CRISTÃ** não tem fins lucrativos. Este é um material gratuito, portanto, este arquivo não pode ser vendido. O compartilhamento via redes sociais e dispositivos eletrônicos é livre. A impressão, total ou parcial, para uso pessoal ou congregacional, no caso de igrejas, é totalmente permitida, desde que, quando de uso público, a fonte do material seja citada. O conteúdo de cada coluna e/ou artigo é de inteira responsabilidade de seus autores.

revistafecrista.com

facebook.com/revistafecrista

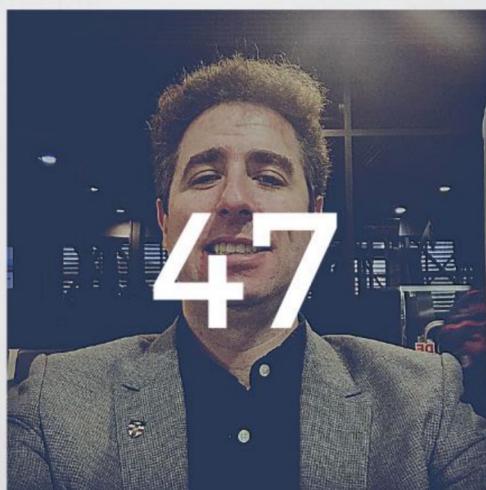
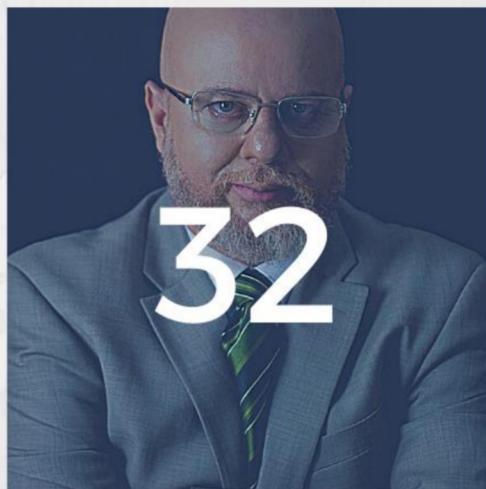
instagram.com/revistafecrista

Conteúdo

- 7 Editorial
- 8 Devocional Fé Cristã
- 20 Psicologia e fé cristã
- 24 Fé cristã e política
- 38 Cosmovisão cristã
- 42 Escatologia
- 45 Feminilidade bíblica
- 52 Coluna do Zágari
- 55 Fé cristã na Universidade
- 57 Filosofia e fé cristã
- 61 Ciência e fé cristã
- 64 Curso Evangelho Inegociável



10



MISSÕES TRANSCULTURAIS

O artigo do mês traz tudo o que você precisa saber sobre missões em terras longínquas.

MINISTÉRIO E OFÍCIOS

Nosso colunista Alisson Bruno responde a pergunta: o que é uma seita?

CONVERSANDO COM O REV. AFONSO CELSO DE OLIVEIRA

Uma entrevista pra lá de ácida sobre um assunto importantíssimo: progressismo na Igreja.

ESPECIAL DIREITO RELIGIOSO

Entrevista de peso com Dr. Thiago Rafael Vieira sobre pandemia, quarentena, e a violação da liberdade na retrição das atividades das igrejas.

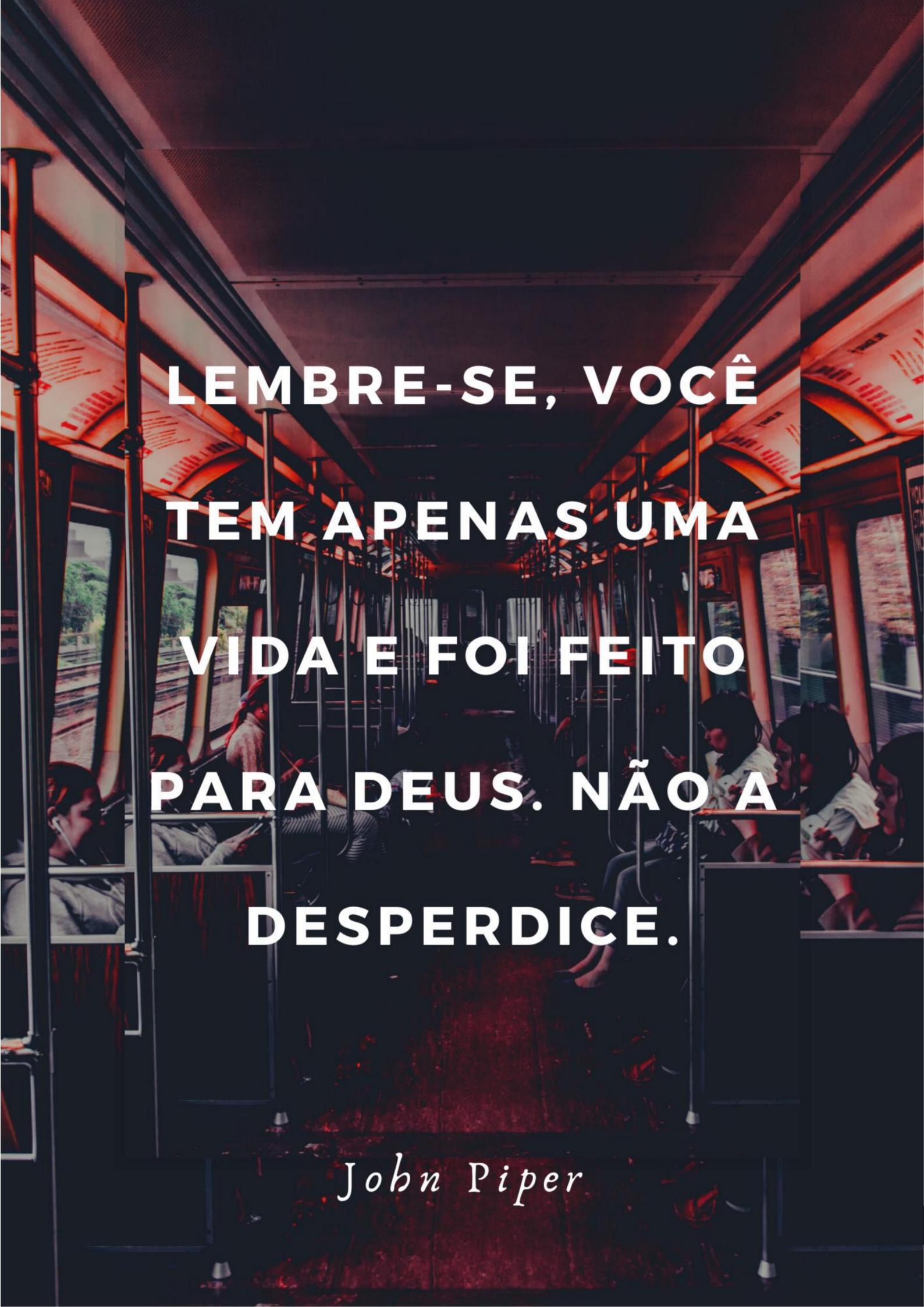


O CREDO APOSTÓLICO

Creio em Deus Pai, Todo-poderoso, Criador do Céu e da terra. Creio em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, o qual foi concebido por obra do Espírito Santo; nasceu da virgem Maria; padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; ressurgiu dos mortos ao terceiro dia; subiu ao Céu; está sentado à direita de Deus Pai Todo-poderoso, donde há de vir para julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo; na Santa Igreja Universal; na comunhão dos santos; na remissão dos pecados; na ressurreição do corpo; e na vida eterna. Amém.

Carta ao Leitor

Olá, querido leitor. Que a Graça e a paz do Senhor Jesus estejam com você. Para uma melhor experiência, gostaríamos de ressaltar que somos uma revista formada por servos de Deus de várias denominações e linhas teológicas. Por isso, OS TEXTOS DE CADA COLUNISTA E ARTICULISTA DIZEM RESPEITO TÃO SOMENTE ÀS OPINIÕES, INTERPRETAÇÕES E CONCLUSÕES DO PRÓPRIO AUTOR QUANTO AOS TEMAS ABORDADOS. Cremos que nós, das principais denominações cristãs e linhas teológicas, devemos estar unidos por nossas semelhanças, ao invés de separados por nossas diferenças. Em nossa revista, portanto, teremos colunistas de diversas linhas teológicas: pentecostais, calvinistas, arminianos, batistas, assembleianos, presbiterianos, enfim, somos uma equipe que integra membros de todas as grandes linhas do protestantismo. Vale lembrar que cada irmão da equipe faz um trabalho piedoso e santo, tanto nas redes sociais, quanto em sua igreja local. Todos os colaboradores, portanto, afirmam sem sombra de dúvidas todas as doutrinas centrais do cristianismo. TODAS. Nossa objetivo, com esse critério, é produzir um material cristão de qualidade, com conteúdo rico, teologicamente saudável, para que você possa ser abençoado, edificado e equipado em sua caminhada cristã – e sem ter que pagar por isso. Coloque-nos em suas orações e que Deus abençoe sua vida! Esta revista foi feita especialmente para você, para a glória de Deus. Desfrute do recheio. E até mês que vem.



**LEMBRE-SE, VOCÊ
TEM APENAS UMA
VIDA E FOI FEITO
PARA DEUS. NÃO A
DESPERDICE.**

John Piper



Motivações missionárias

por Marcos Motta
editor-chefe

Qual é a razão que podemos apresentar para defendermos que é correto gastarmos tempo e energia criando mais conteúdo cristão em uma época saturada de conteúdo cristão? Respondo que “Cristo é digno das nações”. Tirei isso de uma música. Mas, é isso: Cristo é digno das nações. Ele não é digno de algumas. Ou de quase todas. Não podemos contentarmo-nos em oferecer a Ele apenas a nossa nação, ou tão somente aquelas às quais tivemos maior facilidade de alcançar. Ele merece o louvor, a adoração, a honra de indivíduos de todas as tribos, línguas e nações, como lemos em Apocalipse.

A razão para criarmos mais e mais conteúdo cristão é, portanto, missionária. Precisamos trabalhar com afinco para que homens e mulheres cristãos sejam instruídos e capacitados para a missão cristã de perto e de longe, local e transcultural. É por isso que, pensando nisso, não apenas recheamos esta edição com um artigo especial que fala sobre missões transculturais, mas trouxemos a você, mais uma vez, artigos das mais diversas áreas da fé cristã. Nosso desejo é ver você equipado, preparado. Queremos mostrar que todas as áreas da sua vida devem estar subordinadas à sua fé e, obviamente, se você é um cristão, toda a sua vida deve estar apontada e firmada na Palavra. É através do conhecimento que você adquire da Palavra, que sua missão de levar o Evangelho ao mundo é cumprida e Cristo é adorado por mais e mais línguas, mentes, pulmões e corações.

O Espírito Santo é Aquele que nos instrui falando na Palavra, apontando sempre para a Palavra como o meio designado para conhecermos Sua vontade. O Espírito

Santo não nos chama para fora da Palavra. Nisso, cada texto aqui publicado tem por objetivo ser instrumento nas mãos do Senhor apontado para a Palavra.

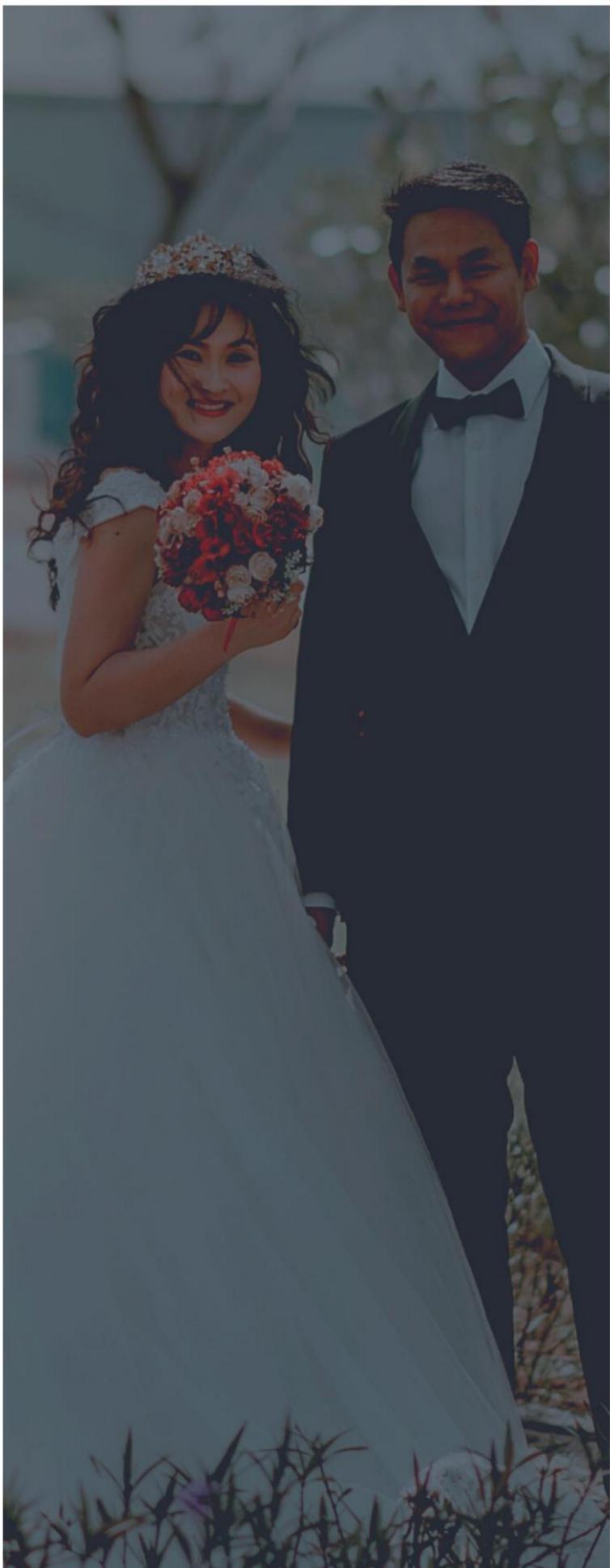
Por outro lado, realmente existe um certo tipo de conhecimento bíblico inútil, se este é meramente acumulado sem a operação do Espírito Santo e a obediência a Ele. Causa escândalo a todos ver muitos que conhecem, mas não praticam. Mas esses não-praticantes não invalidam a relação que existe entre Bíblia e Espírito Santo. Muito menos o trabalho do Espírito de glorificar a Cristo, na medida em que guia o Seu povo em toda a Verdade.

Resumindo:

- Se buscarmos o Espírito Santo sem a Palavra, nos expomos ao engano do nosso próprio coração pecador.
- Se buscarmos a Palavra sem o Espírito Santo, obtemos só informação, não transformação.

Devemos, portanto, buscar o Espírito Santo na Palavra, porque é este o local designado por Ele para O encontrarmos. Temos que estar sempre suplicando que o Espírito Santo venha com poder sobre a Sua Palavra, a fim de sermos transformados por Ele, por meio dela.

Receba o exemplar desta revista como sendo o fruto do trabalho de muitos irmãos que desejam que você não apenas leia, mas possa compreender, amar e praticar a Palavra, bem como expor, explicar e aplicá-la mundo afora – tudo isso no poder do Espírito Santo.



NÃO É SOBRE NÓS

“Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe, e se unirá a sua mulher; e serão dois numa carne. Grande é este mistério; digo-o, porém, a respeito de Cristo e da igreja.” Efésios 5:31-33

Me lembro bem, quando eu era, ainda, um neófito. Acreditava que o Senhor estava preparando uma esposa para mim. Essa seria uma esposa que se adequasse ao “meu ministério”, afinal, eu tinha uma vocação e... bem... Deus une propósitos. Essa minha visão não poderia está errada, certo? Errado! Que visão risível eu tinha! Eu mal comprehendia o Evangelho, imagina ter a visão correta do casamento?

Como eu pensava, existem muitos que pensam que o casamento existe para a satisfação de si mesmos, para realização de seus desejos e planos, para que tenham alguém para somar na vida. Infelizmente, não dá para esperar muito dos jovens cristãos, hoje, quanto à visão do casamento. Afinal, as instruções que eles têm recebido são completamente distorcidas, distanciadas das Escrituras. Líderes que não entenderam o Evangelho não estão aptos a instruir jovens acerca do que é o casamento. Eles passam mais tempo contando suas experiências, de como beijaram suas esposas pela primeira vez, ou quanto gastaram com elas, como se o casamento fosse sobre nós e nossos romances. Isso tem custado um alto preço à Igreja.

Qual é a razão porque as igrejas não apenas abriram as portas para o divórcio, como também cederam a ele a poltrona, para que fique à vontade? Ora, se não há visão correta do casamento, o divórcio jaz à porta, como resultado dessa visão medíocre do casamento.

Casamento não é sobre ter alguém para fazer sexo, para lhe auxiliar na conquista dos seus objetivos; tampouco é sobre duas pessoas apaixonadas. Casamento não é sobre você. Com diz uma música conhecida, “nunca foi sobre nós”. É sobre Deus. Deus é absoluto!

João Batista, respondendo a seus discípulos acerca de Jesus, disse que era necessário que Ele crescesse e que ele, João, diminuisse. Essa verdade, dita por João, também se aplica ao casamento. É necessário que Jesus cresça no casamento, e os noivos diminuam, e isso só é

possível se entendermos que Deus é a realidade mais importante do casamento. Como disse John Piper em seu livro *Preparando-se para casar*: “O casamento existe para magnificar a verdade, o valor, a beleza e a grandeza de Deus. Deus não existe para magnificar o casamento. Até que essa ordem seja vivida e valorizada — até que ela seja vista e saboreada — o casamento não será experimentado como uma revelação da glória de Deus, mas como um rival da glória de Deus.”

Entendendo isso, você passa a perceber que não é a paixão que sustenta a aliança feita por um casal. Na verdade, a paixão tem que ser o resultado dessa aliança. É a aliança que sustenta o amor, não o contrário. E a aliança sustenta porque ela fala sobre Deus e aponta para Deus. Quando um homem e uma mulher decidem se unir em uma só carne, e proferem seus juramentos, o personagem principal é Deus, não o casal. Essa é uma união que só Deus realiza, porque dEle, por meio dEle e para Ele é o casamento. Certo?

Anteriormente, fiz críticas a líderes que, quando vão instruir jovens acerca do casamento, apenas contam suas experiências. Não é que as experiências de alguns não sejam úteis para aqueles que vão casar — de fato, sou enriquecido diariamente por testemunhar casais que vivem seus matrimônios para a glória de Deus. Todavia, é preciso entender que, se o casamento não é sobre nós, então o modelo para o qual temos de olhar não encontraremos entre os casais que estão à altura dos nossos olhos — visto que pouco entendemos sobre o casamento. Mas, é no céu, por meio do que nos foi revelado nas Escrituras, é no compromisso pactual de Cristo com sua Igreja, é lá que devemos fitar nossos olhos!

Quem nos ensinou isso foi Paulo, em Efésios 5. Nesta passagem, o famoso apóstolo, enquanto instrui à Igreja acerca do casamento, aponta a todo instante para Cristo e a Igreja. No versículo 22 deste mesmo capítulo, por exemplo, ele fala da submissão da mulher, e, no versículo 24, aponta para a maneira com que a Igreja é submissa à Cristo, relação esta que funciona como

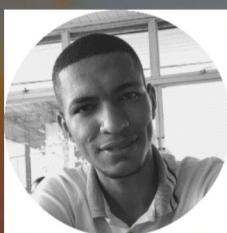
modelo de submissão. Já aos maridos (v25), ensina a maneira com que estes devem amar suas esposas — e como ele ensina tal coisa? Apontando para o amor de Cristo por Sua Igreja, que tanto amou a ponto de dar Sua vida por ela. Sim, Paulo ensina que, assim como Cristo deu sua vida pela Igreja, também os maridos devem estar sempre prontos a entregarem suas vidas em favor de suas esposas. O casamento tem como modelo a aliança de relacionamento de Cristo com Seu povo redimido, a Igreja. Paulo não trouxe Áquila e Priscila como modelos. Ele apresenta-nos o casamento entre Cristo e a Igreja.

Portanto, tenha em mente que o casamento deve manifestar a relação pactual entre Cristo e Sua Noiva. Sim, o casamento é um grande mistério e este mistério é magnífico. Casar-se traz consigo uma grande e incrível responsabilidade, à qual, somente estando em Cristo, cheios do Espírito, poderemos, de fato, cumprir.

Cristo veio à terra dar Sua vida por pecadores. Ele veio buscar uma noiva para si, imperfeita, garantindo-a à preço de sangue. Ele amou a imperfeita. Ele a cobriu com vestes de justiça. Ele a lavou, e prometeu: *estarei convosco todos os dias*. Sim, prometeu que nunca a deixaria. Cristo não somente perdoa os erros, como garante também à imperfeita que Ele não a abandonaria em sua luta para deixar suas imperfeições. Antes, com sua Graça, a conduz no caminho da busca pela perfeição. Ele prometeu que, de forma alguma, quebraria a Aliança. O amor dEle é imutável!

Agora, reflita sobre essa verdade de que Deus usa o casamento para manifestar essa realidade do Evangelho. Pensou?

Pois é, amado irmão. O casamento não é sobre nós. E, se queremos viver essa realidade, é somente pela Graça de Deus. Meu desejo, é que você tome essas verdades, e case com alegria. A alegria de casar para a glória de Deus!



Henrique Vidal, 26 anos, é membro da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, em Salvador – BA, onde é professor e coordenador da Escola Bíblica Dominical, e diretor de missões.



MISSÕES TRANSCULTURAIS



O desafio de levar o Evangelho (Marcos 16:15) a todos os povos inclui a transculturalidade. A plantaçāo de igrejas além das fronteiras é um mandamento bíblico, bem como é algo necessário, tal como ensina o salmista no Salmo 96:3: “Anunciai entre as nações a sua glória; entre todos os povos as suas maravilhas”. Esta passagem torna evidente a natureza e propósito dos desígnios de Deus ao separar um povo para si.

Este artigo tem como objetivo introduzir o leitor à uma abordagem bíblica e cultural das missões transculturais. Para tanto, podemos dividi-lo em três partes, as quais considero fundamentais ao mergulhar neste universo da Grande Comissão. Na primeira parte, analisaremos, de um prisma bíblico, os fundamentos de todo esse movimento missionário da Igreja, que são a força propulsora e a razão pelo qual as missões acontecem. No segundo momento, faremos uma análise da necessidade de preparo teológico, antropológico e linguístico, bem como da imprescindibilidade de experiências com atividades que promovam a inserção cultural ao campo, que exijam capacidade de relação e comunicação transcultural, o que refletirá diretamente na vida do missionário, na aplicação e no enfrentamento dos desafios resultantes da prática de pregar o Evangelho, quer seja no outro lado da rua, quer seja no outro lado do mundo. A terceira parte abordará a contextualização da mensagem.

Fundamento bíblico da missão transcultural

As missões transculturais podem ser definidas como “a Igreja anunciando as boas-novas do Reino de Deus aos povos, em obediência e gratidão ao seu Senhor que a remiu (Atos 20:28), e que comissionou seus discípulos, ordenando a eles que se fizesse discípulos de todas as nações, batizando-os e ensinando-os a guardar todas as coisas que ordenou” (Mateus 28:20). Apesar de o “ide” não ser imperativo no grego, está subordinado à expressão “fazer discípulos de todas as nações”,

implicando, por fim, que devemos ir aos povos. Portanto, a missão da Igreja é transcultural em sua estrutura e finalidade. Para tanto, gostaria de convidar o leitor para algumas reflexões bíblicas que fundamentam uma missão além-fronteira ou além-mar.

A chamada de Abraão é um clássico exemplo de missão transcultural, pela questão de não ser uma promessa feita exclusivamente a um povo, e sim, um processo para remir homens de toda tribo, e língua, e povo, e nação (Apocalipse 5:9). Ao analisarmos o texto de Gênesis 12:2-3, esta verdade se esclarecerá. Vejamos:

“E far-te-ei uma grande nação, e abençoar-te-ei e engradecerei o teu nome; e tu serás uma bênção. E abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti serão benditas (ברק / bârak) todas as famílias (מִשְׁפָּחָה / mishpâchâh) da terra.”

A palavra hebraica *mishpâchâh* pode ter também o sentido de clãs - na época em que foi escrita, e mesmo na época de Abraão, o desenho familiar se dava através de clãs, núcleos familiares. A promessa de bênção (*bârak*) se estende a todas as nações (*clãs*), bem como, também, a maldição daqueles que os amaldiçoarem, isto é, os que rejeitam o plano divino.

Paulo, escrevendo aos coríntios, utiliza a mesma dicotomia de bênção/maldição em relação aos que ouviam o Evangelho. Podemos notar isso em 2 Coríntios 2:15: “para estes, cheiro de morte para morte; para aqueles, cheiro de vida para vida”. Jesus, de um mesmo modo, expôs a Nicodemos que “quem crê Nele não é condenado; mas quem não crê já está condenado, porquanto, não crê no nome do Unigênito Filho de Deus”, (João 3:18).

A chamada de Abraão lança luz à ideia da missão transcultural: ao sair de sua casa para uma terra longínqua, diferentemente da aliança que Deus fez a Noé, que tem caráter de mandato cultural, de frutificar



ARTIGO DO MÊS

e multiplicar, ele, Abraão, recebeu de Deus uma aliança que se desenvolveu tanto sobre o dilema dos benditos e malditos, como também de remissão ou preterição, trazendo de volta homens afastados da glória de Deus, como, por exemplo, a Rainha de Sabá, a cidade de Nínive (Mateus 12:41), o leproso Naamã, Rute, dentre outros. Tais acontecimentos mostram que a missão de Deus, iniciada em Abraão, em sua natureza, estende-se a todas as nações.

David J. Hesselgrave (1995:14) argumenta que “Deus escolheu Abraão e aos seus descendentes a fim de que, através deles, abençoasse o mundo (Gênesis 12.1-3). Em certo sentido, eles fracassaram, mas não o plano de Deus”. Assim, constituídos como uma nação teocrática, compreenderam-se como um “fim em si mesmos”, orgulharam-se por terem as promessas de Deus, porém, não andaram conforme os estatutos do Senhor, abandonando as santas ordenanças, desdenhando dos profetas do Senhor, não entendendo que eles eram o “meio”, o instrumento de Deus para revelar as grandezas de Sua misericórdia, ou seja, o fim, a finalidade da promessa, que é o próprio de Deus.

Em todo o Antigo Testamento, está explícito e implícito que o cumprimento da promessa da redenção da humanidade culminaria na vinda do Messias. Apesar de os judeus não terem recebido como tal, Jesus, entrou na História, revelando-se a nós como o “*Emanuel*”, Deus conosco, cumpriu todas as prerrogativas proféticas, e constituiu a Igreja, dando-lhe a responsabilidade de anunciar e introduzir o Reino de



Deus ao mundo, assemelhando-se a chamada de Abraão.

O termo igreja, do grego **εκκλησία** (*ek-klesia*), acentua o movimento de sair para algum lugar com uma tarefa. Seria certo dizer que o local não é específico, contudo, a tarefa é única e inalterável. Donald McGravan, no prólogo do livro *Plantar Igrejas – um guia para missões nacionais e transculturais*, de Hesselgrave, ressalta que o “embajador nunca altera a mensagem”. É por esta questão que o termo *ekklesia*, literalmente traduzido como “chamados para fora de”, entende uma comunidade que não está “enraizada em si mesma ou com uma missão puramente interna”, mas de “refletir o Reino de Deus no mundo através do Evangelho vivo” (LIDÓRIO, 2011:05).

Não seria estranho concluir que a Igreja (comunidade de santos) é a continuação da Missio Dei, proclamada à Abraão, de que todas as famílias da terra seriam benditas. João, nas revelações apocalípticas, vê “*nações, e tribos, e povos, e línguas, que estavam diante do trono, e perante o Cordeiro, trajando vestes brancas e com palmas nas suas mãos*” (Apocalipse 7:9), mostrando o curso desta missão, que tem natureza transcultural, onde povos de todas as eras, de uma variedade de expressões culturais e línguas, estão diante do Cordeiro com suas vestes brancas e servem a Deus dia e noite (Apocalipse 7:13-17).

Mateus 24:14 – exegese sobre a natureza da missão de Deus, do Evangelho e da Igreja

“*E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações, e então virá o fim.*”

ARTIGO DO MÊS

Como diz Lidório, comentando sobre este texto (BURNS, 2011:16), “Jesus lança uma evidencia puramente missiológica”, reportando às diretrizes da missão transcultural do Evangelho. Analisando a expressão “em todo mundo”, do termo grego *oikumene* (*οἰκουμένη*), ou seja, “mundo habitado”, e a expressão “todas as nações” do grego *ethnesin* (*ἔθνεσιν*), que transmite a ideia de diversidade cultural dos povos com suas tradições, língua e história, tendemos a concluir que o Evangelho tem como alvo todos os povos, independentemente de sua localização, língua e cultura. Lidório (2003:20) acrescenta que a “Palavra de Deus é supracultural e atemporal. Suficiente para comunicar a Verdade de Deus a todo homem, em todas as culturas e em todos os tempos”.

Antes de encerrar essa seção, é preciso notar ainda a expressão “testemunho a todas as nações”, que acredito ser de suma relevância para fundamentar a plantação de igrejas além das fronteiras, derivada do grego *martyrion* (*μαρτύριον*), indica um Evangelho visível entre o povo

necessidade de traduzir o Evangelho de uma cultura a outra, de maneira que, aqui neste ponto, entramos no tópico da aplicação do Evangelho a outras culturas. Para tal empreendimento, tanto o plantador, quanto a agência missionária ou igreja enviadora, devem estar inteirados acerca do território que receberá a missão e seu desafio de lançar sementes em terras longínquas. Paul Hiebert (2010:14) nos lembra que “há um abismo entre nós e aqueles a quem vamos servir. Há um abismo ainda maior entre o contexto histórico-cultural da Bíblia e a vida contemporânea”. Um claro entendimento do que é a Bíblia, quem somos e quem são eles, seria um começo para se construir as pontes que possibilitem a “comunicação relevante ao mundo e aos povos”. Bruce Nicholls (2013:07), em concordância com Hiebert sobre a existências desses abismos, argumenta acerca dos fatores culturais da comunicação do Evangelho, propondo uma reflexão em pelo menos três dimensões culturais: a primeira, tratando da cultura do missionário; a segunda, a particularidade cultural-histórica da mensagem bíblica; e a terceira, sobre a cultura



local, compreendido em sua linguagem, cultura e costumes.

Enquanto que *kerygma* (será pregado) é a pregação intencional, inteligível e compreendida, *martyrion* é o Evangelho entre o povo, através de uma comunidade (Igreja) de santos que refletem a glória de Deus e do Cordeiro, que viabiliza aos povos ver e conhecer a pessoa de Jesus através de suas testemunhas. Diante da exposição podemos, então, definir a missão transcultural em pelo menos três colunas, sendo:

Deus (autor e construtor da história), o Evangelho (revelação que possibilita ver e conhecer a Deus), e a Igreja (meio, arauto da mensagem que viabiliza, constituído de pessoas que veem e conhecem Jesus).

Inserção do Evangelho na cultura – preparo missiológico, antropológico e linguístico

A tarefa de levar o Evangelho *kerygmático* e *martyrico*, ou seja, anunciado e vivido entre as nações, implica na

receptora, ou seja, a do povo local. Para complementar a noção de abismo (diferenças culturais) e comunicação, veja a figura acima.

Neste ponto, poderíamos nos perguntar: afinal, o que caracteriza uma missão transcultural? Parafraseando Hiebert e Nicholls, poderia ser dito que a caracterização é quando o Evangelho (B), ao entrar em contato com a cultura A, confronta sua cosmovisão (maneira de interpretar o mundo), transformando integrantes em novas criaturas em Cristo, formando uma comunidade cristã que pode ser denominada como cultura A/B (igreja). Essa anuncia o Evangelho aos povos (cultura C), enfrentando os mesmos abismos.

A fundamentação bíblica e a natureza da missão de Deus, em anunciar seu Evangelho aos povos, implica transmitir uma mensagem codificada em uma determinada cultura, para um contexto culturalmente distinto, pois, como relata Hiebert, “os homens não podem recebê-lo fora de seus idiomas, símbolos e

ARTIGO DO MÊS

rituais. Se as pessoas devem ouvir e crer no Evangelho, ele precisa ser apresentado em formas culturais” (HIERBERT, 2010: 55).

Na SEMADI, em nosso Centro de Treinamento Missionário, entendemos que o preparo transcultural deve conter o tripé proposto por Ronaldo Lidório (2003), com enfoque na Missiologia (teologia), Antropologia (conhecimento cultural) e Linguística. Adaptamos este “tripé”, transformando-o em três indagações, sendo elas: quem é Deus? Quem somos e quem são eles? Qual idioma? Cada um desses questionamentos levanta importantes dados acerca do *modus operandi* da imersão no povo étnico e no campo missionário.

Simplificando estas noções de abordagem, destacaremos mais detalhadamente as indagações:

1 – Quem Deus é? – o plantador deve ter uma boa teologia bíblica. Deve estar firme em sua base teológica, correspondente à natureza do Evangelho, da mensagem, da vida do emissário, sua cosmovisão, seu mundo, seu viver, seu *modus vivendi*, respondendo o que é o Evangelho, sua definição e finalidade, o que é que nos desperta para anunciar o Reino, permanecendo comprometido com sua essência, que é a glória de Deus, que todos os povos O louvem como Senhor, o que transcende as preferências denominacionais.

2 – Qual língua falam? – o segundo passo, no preparo para as missões transculturais, é a questão da linguística, da apreensão das formas de linguagem, idioma, gestos e expressões. Isso dará acesso ao próximo passo, que é conhecer a cultura receptora em seus significados culturais (este é um passo em que muitos tropeçam: não compreender bem e não ser bem compreendido gera confusões teológicas trágicas, para não dizer que podem ser, às vezes, irreversíveis).

3 – Nós e eles (quem somos?) – o conhecimento da cultura amplia o acesso ao povo local. Este trabalho demanda tempo, sensibilidade, relacionamento, direção de Deus - somente quando se tem conhecimentos concretos da língua, costumes e tradições é que se pode pregar seguramente o Evangelho, de maneira que, antes da pregação, as pontes de relacionamento são construídas, e se torna possível localizar as “avenidas de

acesso” às pessoas, a fim de que o Evangelho seja anunciado. São localizadas as avenidas bem pavimentadas (pontos de aproximação) e as avenidas que estão com muitas pedras e buracos (pontos críticos e tensão).

Pregar implica comunicar; anunciar as boas-novas significa lançar códigos carregados de símbolos, historicidade e significados. Por isso, a grande questão se volta em como comunicar e se fazer compreender. Diante destas dificuldades, precisamos delimitar quais códigos serão determinantes neste diálogo entre as culturas distintas, contextualizando de maneira bíblica e sadia a mensagem que se direciona à toda criatura. Nas palavras de Lidório, a missão culmina em Deus falar na língua do povo, em seu ambiente e cultura, fazendo parte de sua história. No próximo tópico, finalizo com a questão do que é cultura, e sobre a delicada questão da contextualização do Evangelho aos povos.



Breve noção de cultura

A importância desse tópico tem seu alicerce nas palavras de Hiebert, que afirma que “o conhecimento cultural é mais do que categorias que utilizamos para entender a realidade. Ele inclui os pressupostos e as crenças que temos sobre a realidade, a natureza do mundo e como ele funciona”, (HIEBERT, 2010:31). Para ele, esses “esclarecimentos obtidos podem auxiliar os missionários a levar sua mensagem a outras sociedades com o mínimo de distorção e de perda de significado”, (HIEBERT, 2010:15). Tendo sido feitas estas considerações, podemos adentrar no conceito de cultura - existem muitas definições, porém, atentaremos apenas àquela que se aproxima de nossa abordagem.

Toda cultura humana está corrompida e distanciada de Deus (Romanos 3:23). O objetivo em se conhecer as multifases do universo das culturas, suas cosmovisões, idiomas e sua organização como sociedade, é criar uma plataforma de comunicação com o “outro”, com o fim de oportunizar a salvação através da Palavra de Deus anunciada culturalmente.

Toda cultura tem sua língua, ambiente e contexto social, sob a direção de uma cosmovisão específica. Franz Boas, antropólogo culturalista, defende que cada cultura tem seus valores próprios, dentro de uma história particular, compartilhada com o grupo étnico. Também o antropólogo Clifford Geertz, conhecido por sua antropologia simbólica, testifica que todo sistema de cultura pode ser visto como uma teia de significados (XAVIER, 2012:73,154-156), e, para complementar, Paul Hiebert (2010:30) define a cultura como “sistemas mais ou menos integrados de ideias, sentimentos, valores e seus padrões associados de comportamento e produtos, compartilhados por um grupo de pessoas que organiza e regulamenta o que pensa, sente e faz”.

Analizando os aspectos supracitados que conceituam as culturas, podemos dizer que uma cultura está dentro de uma história particular que se entrelaça com outras, fazendo parte de um todo maior (mundo), que subsiste dentro de um sistema padrão, gerador de significados e símbolos e que esses padrões produzem valores, sentimentos e ideias que são compartilhados em grupo. A missão transcultural perpassa por essa complexidade de troca de símbolos e significados, exigindo foco numa comunicação transcultural efetiva, onde o povo comprehende, associa, recebe ou rejeita o Evangelho.

Num certo sentido, abordamos a cultura de modo geral, pois a ação de evangelizar significa, de certa maneira, invadir o mundo religioso do povo receptor, o que nos reporta a um estudo sobre fenomenologia da religião, dentre outras áreas afins, que fogem ao nosso objetivo. No entanto, vale aplicar tão somente uma reflexão introdutória sobre o assunto. Na próxima etapa, portanto, gostaria de refletir com você sobre o aspecto da comunicação entre culturas distintas, e na sequência, encerro a seção com o tópico de contextualização da mensagem do Evangelho, já anunciado anteriormente.

Comunicação transcultural e contextualização do Evangelho entre os povos

No que se refere à estrutura da comunicação, Lidório (2003:09) propõe os seguintes componentes, a fim de que possamos avaliar a aplicação da mensagem bíblica em contextos transculturais:

- Informação (mensagem)

- Interpretação (decodificação)

- Associação (aplicação)

Seguindo a estrutura apresentada, a transmissão do Evangelho consiste na informação (mensagem bíblica), que pode ser transmitida de forma verbal, escrita, por gestos e etc., codificados pelo mensageiro, com seus próprios códigos culturais. Por sua vez, o receptor irá interpretar a mensagem com seus códigos culturais, o que pode acarretar na distorção, perda de significado ou compreensão e associação da mensagem. Em outras palavras, é o ponto crítico da missão, que em meio a esta complexidade, o resultado pode gerar a conversão ou a aversão, adesão ou coesão.

Adesão, categoricamente, é um dos efeitos mais perigosos que o empreendimento missionário pode gerar. Isto se dá quando o povo comprehende, mas não nos moldes bíblicos, produzindo uma teologia distorcida, criando um Evangelho de duas vias: ao mesmo tempo em que adoram a Deus, as pessoas mantêm a sociedade em suas crenças antigas e pecaminosas, gerando uma igreja sincrética. No entanto, por outro lado, há também a coesão, que seria a compreensão, aceitação e associação do Evangelho, resultando em uma igreja bíblica, que reflete o Reino de Deus.

Portanto anunciar o Evangelho e ser mal compreendido é lançar sementes ao solo do sincretismo, é não se preocupar com o propósito da Missão, que tem como objetivo uma igreja sadia, bíblica e santa, onde Jesus é o Senhor do povo, único na adoração. Vamos a um exemplo de uma comunicação e contextualização mal empreendida: Paul Hiebert, em um de seus artigos, comenta sobre as conversões dos hindus. Como a sociedade hindu é dividida em castas (divisão de clãs em diversas categorias, das mais diversas), muitos aceitaram o Deus dos missionários, que no caso eram provenientes da Europa, pois isto representava um meio de escaparem do destino cruel de sua casta e obterem os privilégios que gozavam os adeptos ao cristianismo, pois, como observa Hiebert, o fato de os missionários se vestirem de maneira semelhante aos colonizadores europeus fazia com que eles fossem confundidos com os próprios exploradores e donos de terra – assim, o povo os enxergava como pessoas ricas, tanto que eram chamados de *dora* (fazendeiros ricos). Não havia uma real aproximação do Evangelho com a cultura local, que sempre os via como estrangeiros - a forma não pode ser mais importante do que a essência (WINTER, HAWTHORNE, BRADFORD, 2009:444).

Desta forma, a falta de análise sociocultural do campo missionário contribui muito para a disseminação de igrejas sincréticas, como também a não contextualização ou má contextualização pode dar à luz a distorções do Evangelho, correndo o risco de que nossa missão acabe se baseando em nossas tendências

culturais, e não na necessidade de se anunciar o Evangelho de maneira bíblica e revelacional (LIDÓRIO, 2003:13-20, 52).

Uma visão etnocêntrica é algo que deve ser evitado, pois resulta em consequências devastadoras em missões, levando um Evangelho com requinte de superioridade cultural, caracterizando-o como estrangeiro a outras culturas, chamando as pessoas a se converterem à nossa cultura, para que se tornem cristãs. Missionários, com muita frequência, compararam as Boas Novas com sua própria herança cultural. Isso os tem levado a condenar a maioria dos costumes locais e a impor seus próprios costumes aos convertidos. Parece óbvio, mas acontece frequentemente.

Contextualização equilibrada

Sinceramente, este é um assunto que necessita de bastante atenção e cuidado. Timothy Keller (2015), argumenta em seu livro *Igreja Centrada*, que, se não pensarmos em contextualizar, quando entrarmos na nova cultura, nosso evangelho será contextualizado inconscientemente na outra cultura de forma incorreta. Paul Hiebert salienta que a contextualização permeia nos primeiros esforços missionários. O perigo, nesta fase, é não saber diferenciar entre preconceitos culturais e teologia, que geralmente é construída sobre uma teologia sistemática, em formato grego, altamente racional e sincrônica de pensamento, modelo que parece estranho a muitas sociedades não ocidentais, onde os problemas mais profundos serão sentidos na segunda e terceira

gerações da comunidade cristã (HIEBERT, 2010:215).

Geralmente, o envolvimento em missões transculturais atualmente, tem abordado preferencialmente uma teologia temática, que trabalha conforme a capacidade do ouvinte, e que possibilita sua compreensão, ajustando-se a seu contexto sócio-cultural e histórico, alinhada à fidelidade às Escrituras, pois uma “contextualização saudável significa traduzir e adaptar a comunicação e o ministério do Evangelho a determinada cultura sem comprometer a essência e as particularidades do próprio Evangelho. A grande tarefa missionária é transmitir a mensagem do Evangelho a uma nova cultura evitando transformar a mensagem desnecessariamente em algo estranho a essa cultura, mas sem deixar de fora nem obscurecer o escândalo e a ofensa da verdade bíblica” (KELLER, 2015:107).

Neste contexto, surgem várias dificuldades, como a questão teológica. Hiebert (2010:218), propõe que, se falamos de missões transculturais, falamos de teologia transcultural, e que embora alguém tenha uma teologia contextualizada, é preciso estar de acordo com o corpo maior, com a comunidade de cristãos mundial. Considerando essa possibilidade, surgem várias teologias, como a teologia ocidental, a teologia africana, a latino-americana, dentre outras. A autenticidade da verdade teológica não é sua localização geográfica, e sim seu fundamento bíblico.

Como fundamentada na Palavra, a teologia transcultural acentua Deus como o autor da História, onde o centro é



Cristo, apresentando Sua encarnação, morte e ressurreição como elementos essenciais da redenção dos que creem, pois é ao redor de Cristo que todas as teologias devem se encurvar (HIEBERT, 2010:220). Como observa Keller (2015:108), “a contextualização saudável mostra às pessoas que os enredos de suas histórias só podem ter um final feliz em Cristo”.

Em uma analogia, Timothy Keller explica sobre contextualizar a mensagem, primeiramente observando que em toda cultura existem crenças A e crenças B. A primeira, diz respeito a crenças na cultura que concordam com os princípios bíblicos, enquanto que a segunda corresponde a crenças que entram em conflito com os princípios bíblicos. As crenças A, Keller representa com a figura de toras (madeira), e as crenças B são representadas como pedras. Utilizando a contextualização equilibrada e bíblica como a correnteza de um rio, sabendo que pedras afundam e madeiras flutuam quando lançadas no rio, a ideia é construir uma jangada (crenças A), e carregar as pedras (crenças B) sobre a base das toras para atravessar o rio.

Ao começarmos com aquilo que a cultura concorda (crenças A), podemos expor sua incongruência em crer naquilo que a Bíblia condena. Nesta exposição, Keller usa o exemplo de Paulo em Atenas, quando menciona que seus filósofos afirmavam que somos geração de Deus, e “os confronta, argumentando mais ou menos assim: “Se fomos criados por Deus, como Ele poderia ser criado por nós — e adorado como bem quisermos, por meio de imagens e templos que desenhamos?” Paulo está mostrando àquelas pessoas que suas crenças falham nas bases de suas próprias premissas. Ele se opõe à idolatria, mostrando que ela é incoerente com as próprias (e melhores) noções que os pagãos tinham sobre Deus” (KELLER,2015:150).

O encontro de Jesus com a mulher samaritana em João 4, exemplifica o que foi elucidado a pouco. Ao dirigir-se a mulher, Jesus pede água (madeira/crença A). A mulher samaritana ter sede é um conceito que todas as culturas concordam haver. Porém, a mulher prefere o conflito (pedra/crença B), indagando que Ele era judeu e não podia dirigir-se a ela. Jesus, porém, continua com o assunto sobre a água, mas, agora apresentando um elemento novo, que Ele lhe daria água viva (crença A). Ela prossegue com sua estratégia de confronto (crença B), dizendo “*tu não tens como a tirar, e o poço é fundo (...) és tu maior que nosso pai, Jacó, que nos deu o poço, bebendo ele próprio?*” (João 4:12). Apesar da tentativa de intriga, Jesus a envolveu, colocando seu preconceito (crença B) inclinado ao seu tema sobre água viva (crença A), e sabemos que ela acabou desejando saciar

sua sede espiritual. Jesus construiu uma jangada, podendo carregar o confronto em sua direção. O que essa passagem bíblica pode esclarecer sobre contextualização?

Ao ingressar em uma missão transcultural, o missionário deve começar com possíveis pontos de aproximação na sociedade, ou seja, criar pontes culturais, com as crenças em que a Bíblia não entra em conflito. Depois de aceita a mensagem, ficará mais fácil confrontar onde a Escritura repreva.

Concluo que Deus capacitou sua Igreja para realizar sua tarefa, tanto dando seu Evangelho, que é poder de Deus para salvação de todos os que creem, como também disponibilizando as ferramentas bíblicas, linguísticas e antropológicas disponíveis hoje, a fim de que os erros cometidos de outrora sejam minimizados, o que não significa que não serão cometidos nos dias de hoje, entretanto, está em nosso alcance diminuir esses erros - Deus seja louvado pelas ferramentas disponíveis!

Seguindo exemplos bíblicos e de outras missões, podemos levar o Evangelho às nações, de modo claro e compreensível. Com certeza isso não é tudo, pois a graça de Deus e seu Espírito Santo são a base para a transformação do homem perdido. A fidelidade ao Senhor ainda é prioridade na vida do missionário. Terminei esta parte relatando algumas experiências com outras culturas no campo missionário, que têm relação com o tema da missão transcultural.

“Duvê baron simai akai!”

Este termo significa “*o Deus poderoso está aqui!*”. Aprendi enquanto missionário no sertão baiano. Gastei algumas tardes ouvindo as histórias do povo cigano Calon, fazendo verdadeiras amizades. Ao longo do tempo, alguns se converteram, e me ensinaram algumas frases em sua língua. Depois, em um curso de linguística no Mackenzie, em São Paulo, a professora Etelvina (Missão ALEM), me disse que isso era um avanço enorme, pois ter tido acesso a língua calon mostrava caminho aberto para futuros empreendimentos missionários.

Sentar e ouvir foi meu ponto de aproximação.

“era na cuema, era na caruca!”

Literalmente: “*bom dia a todos e boa noite a todos*”, na língua cocama. Em 2016, eu e minha família fomos enviados a Tefé, no Amazonas, com o projeto de plantação de igrejas em comunidades ribeirinhas e indígenas. Na ocasião, por ter uma especialização em antropologia, fui voluntário em uma ONG indígena,

chamada UNIP/MSA (União dos povos indígenas do Médio-Solimões e seus Afluentes). Acompanhando seu André Cambeba e Renilso Cocama, líderes na época, fizemos contato com diversas etnias, como Ticuna, Cocama, Cambeba, Miranha, Canamari e outras.

Na cidade de Fonte Boa, também no estado do Amazonas, havia um professor através do qual mantínhamos contato com a tribo Canamari. Trocamos informações de alguns dados sobre a história da etnia Canamari, que eu havia coletado anteriormente trabalhando na ONG. Em gratidão, ele convidou-nos a visitar a aldeia Canamari, localizada a 14 horas de barco no rio Mineruá. Infelizmente, não pude ir, mas o missionário Magdiel, que me sucedeu, viajou e pregou o Evangelho a eles, e hoje há uma igreja plantada naquele lugar, com centenas de indígenas servindo ao Senhor. A esposa do missionário, irmã Renilda, está aprendendo o idioma para aplicar de maneira bíblica e contextualizada a Palavra.

“Ani sogoma! sô mogodô? Alá cadu bayê!”

Em Burkina Faso, no dialeto *djoulá* (*bambara*, na Costa do Marfim), o “*bom dia, como vai? Deus te abençoe!*” eram palavras frequentemente usadas por nós. Vale relatar que os desafios da missão transcultural estão todos reunidos ali, num só país: Burkina Faso tem pelo menos 63 dialetos oficiais e o francês como língua comercial, bem como lá podem ser encontradas religiões como islã e o animismo, sem falar que naquele país a porcentagem de cristãos é mínima, sendo aquele uma das nações mais pobres do mundo e menos alfabetizada.

Por questão de segurança, neste relato, usarei nomes de pessoas e lugares fictícios. Nossa secretaria de missões (SEMADI) iniciou em Burkina Faso um projeto chamado “*Nouvelle Vie*” (Nova Vida). Na direção, o pastor Josias; compondo a equipe, a missionária “Rosivalda” e mais dois missionários nativos, e eu e minha família. O projeto consiste na organização de um polo de alfabetização (já em funcionamento), um posto de primeiros socorros, projetos sociais com esportes e atividades evangelísticas (em andamento), aplicados na etnia Bobo e Fulani, as quais já nos propuseram experiências incríveis na questão da transculturalidade.

Gostaria de relatar dois momentos que achei críticos e preocupantes, onde meu coração encheu-se de temor. Foram estes os momentos: quando falamos com as crianças e quando preguei para uma idosa de 116 anos, com o intuito de lançar as sementes incorruptíveis do verdadeiro Evangelho. Primeiramente, uma vez que nem todos falam francês, é necessário dominar pelo

menos três dialetos na região: o *djoulá*, o *bobo* e o *fulfulde*. Como ainda não temos habilidade nestes, os missionários nativos, “Momudá” e “Yolan”, fazem as traduções. Foi realmente impressionante testificar tal fenômeno: reunidas as crianças, tendo a missionária “Rosivalda” para traduzir minha pregação em português para o francês, entendido pelo missionário “Momudá”, que, por fim, pregaria em *djoulá* e *bobo*, pensei: o que pregar? Por onde começar? Sabendo que, de uma língua para outra, as equivalências de significado das palavras mudam, bem como são influenciadas pelo contexto social e pela tradição oral deles, me lembrei do preparo antropológico: começar por aquilo que eles entendem. Então, pedi pra que olhassem as árvores de Carité, o sol, e as nuvens, anunciando-lhes que a criação, por ter muitas cores e formas, exige um Criador. Depois disso, argumentei que existe um livro sagrado que nos fala sobre este Criador. Neste ponto, olhei para o tradutor e ele me deu sinal positivo - foi sensacional!

A outra experiência foi ainda mais impactante, com “Madame Sali” - feiticeira conhecida em toda aquela região, já convertida, com seus 116 anos, mostrando-se lúcida e atenta ao que Deus tem a fazer na vida dela e através dela. O que me lembro é que falei a ela sobre Jesus, detentor de todo o poder. Usei palavras simples, para que a tradução fosse o mais fiel possível, e então pude ver um sorriso em seu rosto. Estas experiências nos deixaram algumas lições e futuras reflexões:

- Aprofundar no preparo missiológico, antropológico e linguístico, para o engajamento transcultural efetivo;
- Aquisição do idioma(s) do povo local, o que servirá como porta de entrada aos costumes e tradições;
- Conhecer ao máximo a cultura, sem tentar dar respostas rápidas às questões culturais;
- Procurar pontos de aproximação, construir relacionamentos verdadeiros, evitando projetos paternalistas, que constroem os relacionamentos com base somente em donativos e ações sociais (não estou vetando os projetos em si, e sim a intenção de produzir uma missão desvinculada da pregação da Palavra) descomprometidas com a pregação do Evangelho;
- Refletir sobre a teologia que vamos apresentar ao povo local, contextualizando com os elementos da sociedade local, porém sempre pelo prisma dos princípios bíblicos;
- Uma vida de piedade e oração, confiança na graça do Senhor, e dependência do Espírito Santo;

Deus abençoe a todos!



João Paulo Vargas é missionário da SEMADI (*Secretaria de Missões da Igreja Assembleia de Deus no Ipiranga/SP*). Possui o bacharelado em Teologia pela FATERJ/RJ, licenciatura em História pela Faculdade Integrada de Araguatins/TO, especialização em Antropologia Intercultural pelo Centro Universitário de Anápolis/GO, especialização em Docência Superior pela Universidade Cândido Mendes/RJ e especialização em Ensino da Filosofia pela Faculdade FUNIP/MG. Pós-graduando em Teologia Sistemática, pelo Centro Presbiteriano de pós-graduação Andrew Jumper. Tendo atuado com plantação de igrejas no Nordeste Baiano e no estado do Amazonas com comunidades ribeirinhas e indígenas, atualmente, se prepara com sua família para um projeto de plantação de igreja, escola e posto de atendimento de saúde chamado “*Nouvelle Vie*”, em Burkina Faso, na África. Casado com Almirana e pai da Sarah.

NOTAS

BURNS, Barbara Helen. Contextualização missionária, desafios, questões e diretrizes. Ed – São Paulo: Vida Nova, 2011.

HESSELGRAVE, David J. Plantar igrejas: Um guia para missões nacionais e transculturais. São Paulo: Vida Nova, 1995.

HIEBERT, Paul. O evangelho e a Diversidade das culturas. São Paulo: Vida Nova, 2010.

_____. Transformando Cosmovisões. Uma análise antropológica de como as pessoas mudam. Tradução: Carlos Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2016.

LIDÓRIO, Ronaldo A. Antropologia Missionaria. São Paulo: Vida Nova, 2003.

_____. Teologia Bíblica do Plantio de Igrejas. Manaus: Instituto Antropos, 2011.

KELLER, Timothy. Igreja Centrada: Desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho. 1º edição. São Paulo: Vida Nova, 2015.

NICHOLLS, BRUCE J. Contextualização: uma teologia do evangelho e cultura. Tradução de Gordon Crown. 2. Ed. São Paulo: Vida Nova, 2013.

XAVIER, Juarez Tadeu de Paula. Teorias antropológicas - 1.ed., rev. - Curitiba, PR, IESDE Brasil, 2012.

WINTER, D. Ralph, HAWTHORNE, C. Steven, BRADFORD, D. Kevin. Perspectivas no movimento cristão mundial. São Paulo: Vida Nova, 2009.

A PRÁTICA DAS VIRTUDES COMO TERAPIA: DA LOGOTERAPIA A JESUS CRISTO



Francis Schaeffer [1], um dos maiores apologistas cristãos do Século XX, diagnosticou o cerne dos problemas psicológicos e espirituais enfrentados pelo ser humano como desdobramento da ruptura adâmica com o Criador. Em termos de estrutura física, o homem realmente consegue olhar para baixo de si, para os animais, as plantas e os minerais, para a Criação em geral, e encontrar suficientes conexões para entender algo de sua constituição e de seu funcionamento. Mas há um problema: dotado de razão e integrado na qualidade de uma pessoa, se procurar por propósito na Criação material, fatalmente se frustrará. Não há nenhuma pessoalidade e, tampouco, quaisquer outros seres dotados de razão abaixo do homem. Enquanto racional e espiritual, o homem precisa encontrar um sentido para si, para justificar-se e direcionar a sua vida numa vereda de propósitos. Olha para baixo e não encontra explicação e sentido para sua pessoalidade. Olha para cima e, sem Deus, os céus estão fechados.

O famoso psicólogo austríaco Viktor Frankl [2], conhecido por ter desenvolvido a sua psicologia, a logoterapia, desde a experiência nos campos de concentração nazistas, pensou o homem como uma “unitas multiplex”, ou seja: uma unidade integrada de diferentes camadas ontológicas, ou de naturezas distintas. O homem é biológico, pois possui corpo físico; psicológico, pois possui uma personalidade pessoal; e espiritual, já que a integração das duas camadas anteriores não aconteceria sem uma terceira. As camadas biológica, ou corporal, e psicológica, ou anímica, vivem sob uma tensão de interesses: cada uma carrega seus próprios apetites e elas competem entre si para monopolizar a

SEM UM DEUS PESSOAL ACIMA DE NÓS,
PARA NOS ENTREGARMOS, SÓ RESTA O QUE ESTÁ
ABAIXO DE NOSSA PESSOALIDADE E QUE
CORRESPONDE, TÃO SOMENTE, À NOSSA VIDA
BIOLÓGICA E ÀS EMOÇÕES MAIS ELEMENTARES.

existência do sujeito, com a finalidade de se suprirem absolutamente. São, pois, dois sistemas fechados e autorreferentes: ontologicamente distintos, o homem terá de ceder ao império de um ou de outro, sem um equilíbrio possível. O governo dos apetites do corpo é a ruína da psique e o governo das emoções e ideias distorcidas é a ruína do corpo. Por isso, Frankl conclui que precisa haver aquilo que temos por espírito, que rompe a dialética entre o corpo e a mente, absorvendo-as em uma unidade espiritual que não se sustenta pela autorreferência. O espírito é a qualidade autotranscendente do homem, que o coloca para fora de si e o impulsiona a procurar por sentido através de realizações, da entrega a atividades, pessoas e projetos. A camada espiritual integra corpo e mente numa busca exterior, de significado existencial, conforme os apetites do espírito.

Como vimos em Schaeffer, contudo, sem um Deus Pessoal acima de nós, para nos entregarmos, só resta o que está abaixo de nossa pessoalidade e que corresponde, tão somente, à nossa vida biológica e às emoções mais elementares. O impulso autotranscendente, sem um objeto adequado para devoção, irá sucumbir à idolatria, que é a atribuição de qualidades ilegítimas em coisas delas desprovidas: se procurará sentido para a pessoalidade humana em ídolos feitos de pedra ou madeira, em totens de animais, dotando-os de uma humanidade divinizada que não possuem, pois o sentido deve vir de algo posto acima de nós, ou em atividades que, embriagando nosso corpo e dominando nossas emoções, pareçam nos dar algum nível momentâneo de sentido e de completude. Como vimos com Frankl, por sermos espirituais, não podemos encontrar sentido em nós mesmos, num fechamento autorreferente, mas sempre em algo que esteja além de nós.

HÁ UMA DIFERENÇA ENTRE COMPREENDER ALGO E CONVERTER-SE PARA ELE

A tradição cristã, desde o contexto dos Pais da Igreja [3], reconheceu nos desvios idólatras do corpo e da psique uma matriz espiritual, entendendo diversas doenças que abatem-nos desde os apetites e emoções como doenças espirituais. A primeira delas, que é a mãe de todas as demais, é a do amor-próprio desenraizado, chamado de



filáucia. O amor-próprio, quando contido, é importante, pois todos precisamos ansiar por nossa autopreservação, pelo saciamento de alguns apetites e pelo crescimento pessoal. O problema é quando, desligados da fonte, que é o Criador, e desprovidos de legítimo propósito existencial, ficamos só com o amor-próprio, sem que este se veja retido e ordenado por um sentido claro. A *filáucia* sem propósito leva-nos a procurar saciar os apelos de significado do nosso espírito pela entrega a paixões de todo o tipo, qualquer ídolo que pareça nos produzir algum nível de segurança e que prometa, falsamente, a completude que perdemos quando nos afastamos de Deus. Por isso, a *má filáucia* acaba transformando o amor-próprio num impulso de autodestruição: o amor irracional por nós mesmos, chamado de *álogos*, ou loucura, nos faz confundir o prazer, que é o saciamento dos apetites carnais, com a felicidade, que é a realização espiritual, de maneira que nos prostramos ao jugo do prazer, mais prontamente acessível. Toda a qualidade de vício corrosivo para a vida orgânica e mental pode vir desse desvio espiritual.

Da *filáucia*, a doença primeira, emergem outras três doenças espirituais básicas, de onde ganham substância todas as demais: a gula, ou *gastrimargia*, a avareza, ou *filargíria*, e a vaidade, ou *cenodoxia*. O descontrole dos apetites do corpo e da psique fatalmente se cristalizará ao redor de uma ou mais dessas moléstias. No deserto, Cristo foi tentado por Satanás justamente nelas três: a primeira tentação, dos pães, que consta em Lucas 4:3, diz respeito à *gastrimargia*; a tentação seguinte, da oferta de todas as riquezas e reinos do mundo (Lucas 4:6-7), fala da *filargíria*; a terceira, da pressão para que Jesus saltasse do Pináculo do Templo para que os anjos o segurassem (Lucas 4:9-11), aponta para a *cenodoxia*, traduzida por vangloria pela ostentação de supostos privilégios. Cristo não falhou porque, enquanto Filho de Deus, não padecia da *má filáucia*: o Seu amor-próprio não estava distante do propósito e do significado estabelecidos pelo Pai.

Como essas três doenças da *má filáucia* se desenvolvem em todos os demais desvios espirituais? Segundo a sabedoria clássica cristã, não se pode cair na luxúria, ou *pornéia*, que é uma distorção dos apetites sexuais, sem antes se perder na gula, a esfera anterior e mais geral dos apetites do corpo. Também a ira, ou *thymós*, aparecerá mais facilmente no coração daquele que luta por comida (gula), riqueza (avareza) e glória (vaidade). A tristeza, ou *lýpe*, se abate sobre quem foi privado daquilo que acende a cólera do irado. A soberba, ou *hyperefanía*, enfim, emerge do amor avarento ao dinheiro. A *filáucia* nos leva a buscar a felicidade, só que sem Deus sobram apenas os prazeres a serem obtidos na criatura: comida, dinheiro e fama. A busca da felicidade pela comida pode desembocar na luxúria, a busca da felicidade na fama pode inflar o orgulho. O

ídolatra sempre organizará a sua vida ao redor de uma ou mais dessas três estruturas demoníacas básicas, de onde enfrentará outras doenças correspondentes.

Qual é, pois, a cura para a doença primeira, a *má filáucia*, e a sua ninhada infernal? Naturalmente, o primeiro passo está na superação da idolatria, levantando a cabeça das coisas que rastejam pelo chão para olhar pro alto, para o Céu, para quem está acima de nós, para o Deus Pessoal, que nos dá verdadeiro significado e propósito existenciais, como objeto legítimo de nosso impulso autotranscendente. Ainda assim, certas crenças distorcidas podem não ser facilmente superadas, por se enraizarem em nós como hábito, levando-nos a seguir recaindo em certos pecados e retrocedendo aos velhos ídolos. O que podemos fazer, então? Há uma diferença entre compreender algo e converter-se para ele: mesmo sabendo o que é correto, muitos vícios de comportamento e de pensamento continuam vivendo em nós até serem convertidos, como convertido foi nosso coração. Eis a luta.

Pascal Bernardin [4] nos ensina que um caminho para a mudança de pensamento e para a superação de crenças indesejáveis está numa mudança voluntária e disciplinada de comportamento. Como somos voltados para um sentido ou propósito, fazer algo que contradiz nossas crenças distorcidas e pensamentos viciados gera um tipo de tensão mental, chamada de dissonância cognitiva, que tende a se resolver pela adequação de nossas crenças ao novo comportamento, de modo que as crenças, outrora distorcidas, se alteram e redimem. É similar ao que o psicólogo canadense Jordan Peterson [5] demonstra. Se somos, por exemplo, acometidos por um quadro de tristeza baseado numa autoimagem de inferioridade pela incapacidade de conquistarmos determinados propósitos, tendemos a adequar nosso corpo ao nosso estado de espírito, andando de cabeça baixa, costas curvadas, semblante abatido e com passos tímidos, fazendo com que os outros realmente nos vejam como frágeis e até mesmo inferiores, levando-os a se comportarem diante de nós de maneiras que reforcem em nosso coração essa crença desfavorável a respeito de nós mesmos. Como saída, Peterson sugere o seguinte: mantenhamos as costas eretas, coloquemos os ombros pra trás e ajamos de maneira mais confiante. Isso causará uma impressão mais favorável a nós nas outras pessoas, que se portarão mais respeitosamente diante da gente, levando-nos a nutrir uma nova imagem de quem nós somos, como mais dignos, donde a confiança expressada nos gestos passará a habitar-nos de verdade. O resumo é: tome atitudes diferentes se quiser mudar!

Em Jesus Cristo, contudo, é que temos com mais clareza os recursos para superar todo o vício associado à gula, à avareza e à vaidade: contra cada vício, devemos

levantar uma virtude oposta, associada a um comportamento virtuoso. São ações virtuosas que curam-nos das doenças espirituais. Nos Sermão do Monte, três atos que glorificam a Deus são destacados: dar esmolas (Mateus 6:1-4), orar (Mateus 6:5-15) e jejuar (Mateus 6:16-18). Veja bem: se quero alterar hábitos pecaminosos atrelados à avareza, nada mais eficaz do que destacar a virtude da generosidade por meio do ato de dar esmolas, de me disciplinar a um desprendimento cada vez maior dos bens materiais; se quero redimir meus afetos vaidosos, nada melhor do que me forçar a declarar verbalmente a minha podridão interior, já que sou pecador, a minha pequenez enquanto criatura e o fato de que, não sendo pela Graça de Deus, eu não teria nada além de condenação eterna; e se anseio por disciplinar meu estômago, o que será mais óbvio do que impor-me momentos de jejum? Quantas doenças espirituais outras podem ser bem tratadas com essas três práticas! Quão saudáveis poderíamos ser se, alinhados ao nosso Criador, que sabe o que é melhor pra nós, pudéssemos dizer com toda a convicção o que o diz o Filho, em João 4:34:

A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou, e realizar a sua obra. (ACF)



Natanael Pedro Castoldi é psicólogo clínico graduado pela Universidade do Vale do Taquari – Univates. Possui formação teológica básica pelo Projeto ATOS, Janz Team Gramado, onde compõe a assembleia da missão do TeachBeyond Brasil.

Tem experiência em pesquisa nas áreas de Ensino e Aprendizagem pela Univates, na qual tem atuado como monitor de alunos com necessidades especiais. Serve no ministério de jovens da igreja Comunidade Cristã de Encantado, em Encantado/RS. Casado com Gabrielle.

NOTAS

[1] SCHAEFFER, Francis. *O Deus que se Revela, Contra o silêncio e o desespero do homem moderno*, podemos de fato conhecer o Deus que intervém. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

[2] FRANKL, Viktor. *Psicoterapia e Sentido da Vida*. São Paulo: Quadrante, 2016.

[3] AZEVEDO JR., Paulo Ricardo de. *Um Olhar que Cura: Terapia das doenças espirituais*. São Paulo: Editora Canção Nova, 2009.

[4] BERNARDIN, Pascal. *Maquiavel Pedagogo*. Campinas, SP: CEDET - Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico, 2013.

[5] PETERSON, Jordan. *12 Regras Para a Vida, Um antídoto para o caos*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.



O MAL MENOR

Seria excelente. Acredito que todo cristão adoraria ter governantes como Neemias, que além de ter liderado a reconstrução do templo e dos muros de Jerusalém, confrontou o pecado do povo, resistiu à corrupção por temor do Senhor e venceu resistências externas para atingir o objetivo de não apenas restaurar a ordem social e política de Israel no período pós-exílio, mas de restabelecer o relacionamento dos israelitas com Deus (Neemias 1-13). Como seria bom se todos os nossos legisladores, prefeitos, governadores, ministros, secretários, juízes, militares, policiais e o presidente fossem como Neemias.

“Ainda não o são.”, diria um pós-milenarista. “Nunca o serão”, afirmaria um amilenaista ou um pré-

milenarista histórico. “Serão ainda piores do que hoje!”, responderia um dispensacionalista. O fato é que não o são. Já defendi, no artigo anterior [1], que não é razoável esperar uma conduta cristã de políticos “quase cristãos”, que emergem de uma sociedade que pode até ser, em parte, moralista, mas que não vive o Evangelho genuíno em sua vida privada. Uma sociedade composta majoritariamente por indivíduos que nunca nasceram de novo pode continuar, por seus esforços, a gerar líderes reacionários que se proponham a combater a degradação moral inerente à esquerda política, mas que, sem as virtudes inerentes ao cristianismo bíblico, continuarão a cortar cabeças de uma hidra, sem conseguir lhe cortar a principal, queimar-lhe as feridas e lhe por termo à vida.[2]



O meu ponto, com o presente texto, no entanto, não é me repetir. Pretendo expor o que, como cristão, acredito ser o mais sensato a se fazer na esfera pública secular – além de trabalhar pela expansão do Reino, é claro – até Cristo voltar, independentemente do rumo que a humanidade tomar, seja este para melhor ou para pior. Intento apontar um denominador comum a que pessimistas e otimistas possam recorrer. É provável até que se trate de uma abstração a qual já vem servindo de guia para a maioria de nós em vários aspectos da vida, principalmente em meio aos dilemas morais. Falo do critério do *mal menor*, pelo qual advogarei à luz do cristianismo e, devidamente amparado pela Bíblia, aplicarei seu uso à política.

Primeiramente, precisamos entender que o princípio do mal menor “pode ser expresso, em sentido amplo, da seguinte maneira: diante de males inevitáveis é preciso escolher o menor. [...] Tem dois campos de aplicação: o genérico, da prática, e o específico, da ética da decisão. Num primeiro sentido (amplo), o princípio do mal menor significa que, prevendo males inevitáveis, é preferível permitir o menor, escolhendo-o para evitar o mal maior. Num segundo sentido (mais restrito), o princípio do mal menor significa que, quando todas ou cada uma das possíveis decisões a serem tomadas são, realmente negativas e não existe alternativa para tomar uma decisão, é preciso optar pela menos negativa. No primeiro sentido, o mal menor se refere às consequências derivadas de uma decisão numa situação que obriga a fazer uma escolha; sendo essa situação inevitável, escolhe-se a consequência menos prejudicial. No segundo sentido, refere-se, ao contrário, à decisão em si mesma, que se revela problemática no momento em que qualquer decisão é negativa; nessa situação de perplexidade, é preciso decidir-se por aquilo que parece menos mal. Em ambos os sentidos, a aplicação desse princípio tem limites relacionados com os chamados “absolutos morais” ou com as ações desordenadas em si próprias.” [3]

Definido o princípio do mal menor, precisamos investigar, ainda, se ele é compatível com a ética cristã protestante. Gostaria de me remeter a dois textos bíblicos; o primeiro, contido no Antigo Testamento:

“Então os príncipes dos filisteus se ajuntaram para oferecer um grande sacrifício ao seu deus Dagom, e para se alegrarem, e diziam: Nosso deus nos entregou nas mãos a Sansão, nosso inimigo. Semelhantemente, vendo-o o povo, louvava ao seu deus; porque dizia: Nosso deus nos entregou nas mãos o nosso inimigo, e ao que destruía a nossa terra, e ao que multiplicava os nossos mortos. E sucedeu que, alegrando-se-lhes o

coração, disseram: Chamai a Sansão, para que brinque diante de nós. E chamaram a Sansão do cárcere, que brincava diante deles, e fizeram-no estar em pé entre as colunas. Então disse Sansão ao moço que o tinha pela mão: Guia-me para que apalpe as colunas em que se sustém a casa, para que me encoste a elas. Ora estava a casa cheia de homens e mulheres; e também ali estavam todos os príncipes dos filisteus; e sobre o telhado havia uns três mil homens e mulheres, que estavam vendo Sansão brincar. Então Sansão clamou ao SENHOR, e disse: Senhor DEUS, peço-te que te lembres de mim, e fortalece-me agora só desta vez, ó Deus, para que de uma vez me vingue dos filisteus, pelos meus dois olhos. Abraçou-se, pois, Sansão com as duas colunas do meio, em que se sustinha a casa, e arrimou-se sobre elas, com a sua mão direita numa, e com a sua esquerda na outra. E disse Sansão: Morra eu com os filisteus. E inclinou-se com força, e a casa caiu sobre os príncipes e sobre todo o povo que nela havia; e foram mais os mortos que matou na sua morte do que os que matara em sua vida.” (Juízes 16:23-30)

As muitas verdades históricas e teológicas concernentes ao sacrifício de Sansão não são objeto de nossa análise. Meu objetivo aqui é tão somente pontuar que Sansão se valeu do princípio do mal menor como critério de decisão pelo suicídio. O seu processo de decisão foi o seguinte:

1. Problema identificado: Os filisteus são inimigos de Israel e querem fazer mal aos israelitas. Como agravante, o único que os detinha, eu, fui neutralizado e estou em seu poder.

2. Solução: O único modo de impedi-los é eliminar uma grande quantidade deles de uma só vez, incluindo seus príncipes.

3. Método: a única possibilidade de lograr êxito é pondo abaixo o local onde estão e onde também estou. Uma única vida sacrificada por um bem maior. Ou melhor: um mal menor.

Sansão julgou que a perda de sua vida seria aceitável, caso os inimigos de seu povo fossem destruídos, o que concomitantemente preservaria a vida dos israelitas, a sobrevivência de sua cultura e seu correto relacionamento com Deus (ao menos por algum tempo). E o mais importante: Deus anuiu. Os versículos 28-30 mostram que o Senhor o fortaleceu para que cumprisse justamente aquilo que deveria fazer.

O segundo texto ao qual gostaria de aludir encontra-se no Novo Testamento:

“Porque eu mesmo poderia desejar ser anátema de Cristo, por amor de meus irmãos, que são meus parentes segundo a carne;” (Romanos 9:3)

É desnecessário objetar que Paulo falava hipoteticamente. É claro que é impossível que um salvo possa deixar de sê-lo para que todo um grupo o fosse. Debater essa impossibilidade seria perder tempo com um espantalho. O fato é que Paulo lançou mão do princípio do mal menor para construir sua figura de linguagem comparativa. No seu argumento, mesmo que meramente hipotético, seria melhor que um se perdesse para que muitos fossem salvos.

Ainda há alguns que argumentam que não é possível escolher o menor mal dentre vários males, pois, de todo modo, ainda seria fazer a opção por um mal. Esta visão é pueril, superficial e, talvez, até esconde uma falsa piedade. Com efeito, mostra desconexão com a realidade. Mais uma vez faço coro a Lewis quando ele indaga: “Como poderíamos decidir se o efeito total teria sido melhor ou pior se a Europa tivesse se submetido à Alemanha em 1914? [...] Se uma Europa germanizada em 1914 tivesse sido um mal, então a guerra que impediu esse mal foi, até aqui, justificada. Chamá-la de inútil porque não resolveu o problema da pobreza e do desemprego, seria como abordar um homem que acabou de sair vitorioso ao defender-se de um tigre selvagem e dizer: “Não adiantou nada, meu caro. Você não foi curado de seu reumatismo!””[4]

E como, finalmente, o critério do mal menor se aplica à política? Voltemos ao início do texto. O cenário político brasileiro é um reflexo do caráter geral da nação. Parte do povo, cansado das versões mais degeneradas de si mesmo (normalmente localizados à esquerda do espectro político, ou no centro oligárquico e pragmático), reage depositando suas esperanças numa direita moralista, uma caricatura do cristianismo que não vive. Assim, os poucos “cristãos” que se elegem ou são nomeados a cargos públicos com a missão de redimir a política e frear o avanço das depravações progressistas são, na verdade, apenas “cristianistas”. De acordo com Rémi Brague, que cunhou o termo, este neologismo designa indivíduos que “defendem o valor do cristianismo e seu papel positivo na história”[5], mas que não necessariamente vivem de acordo com os preceitos cristãos. A maioria dos políticos que hoje vemos esperançosamente como conservadores e cristãos buscam (ou prometem) apenas as consequências sociais de uma sociedade submissa a Cristo, mas carecem sê-lo. Eles parecem não entender que “a chamada “civilização cristã” nada mais é que o conjunto dos efeitos colaterais que a fé em Cristo

produziu sobre as civilizações que se encontravam em seu caminho.” [6]

Finalmente, podemos chegar a três conclusões: primeiro, que ainda não somos uma sociedade da qual se levante um número significativo de líderes genuinamente piedosos como Neemias. Segundo, que indivíduos que ainda não descobriram como matar a hidra continuam cortando suas novas cabeças. Isto pode conter o monstro, mas não o elimina. E a pergunta é: até quando? Eles apenas sabem que têm que matá-la, mas não enxergam como. Terceiro, o cenário em que os bravos guerreiros tentam dar cabo da criatura constitui o mal menor. Se eles são o único recurso que temos, é um ato de amor ao próximo apoiá-los naquilo que de correto estejam fazendo. Talvez vidas estejam sendo poupadadas, apesar do inimigo não ter sido derrotado. O que talvez estejamos negligenciando é que há um arsenal mais poderoso: O conhecimento da verdade que liberta (João 8:32). Confiamos em redenção meramente humana (1 Samuel 8:19-20; cf. Salmo 146:3) quando deveríamos ser um exército perfeitamente equipado para a verdadeira batalha por trás de todas as batalhas (Efésios 6:10-18). A escolha pelo mal menor só se torna desnecessária quando buscamos o único bem realmente maior.



Frederico Bragança é professor de Língua Inglesa na rede privada e bacharel em Relações Internacionais, pela Universidade Potiguar. Serve a Deus como professor na Escola Bíblica da Congregação Presbiteriana do Alto da Candelária, em Natal/RN. Casado com Rebeca.

NOTAS:

[1] BRAGANÇA, Frederico. O sal da terra, a luz do mundo e a política. Revista Fé Cristã n. 2, p. 22-24, maio 2020.

[2] GALDINO, Luiz. Os doze trabalhos de Hércules. FTD Educação, 2000, p. 22.

[3] Conselho Pontifício para a Família. Lexicon, Roma, 2000.

[4] LEWIS, Clive Staples. O Peso de Glória. 1ª Ed. São Paulo: Editora Vida, 2011, p. 75-76.

[5] BRAGUE, Rémi. Cristãos e “Cristianistas”. 30Dias, Roma, n. 10, 2004. Entrevista concedida a Gianni Valente.

[6] Ibid.



O QUE É UMA SEITA

E QUAIS SÃO SUAS CARACTERÍSTICAS?

O apóstolo Paulo deixou o jovem pastor Timóteo na igreja de Éfeso para combater alguns hereges que se instalaram por lá (1 Timóteo 1.18-19). O texto não diz exatamente como Himeneu e Alexandre vieram a naufragar na fé (v.19), embora o falso ensino de Himeneu seja descrito em 2 Timóteo 2.7-18. O que podemos entender, desde o início, é que a igreja tem o papel de batalhar contra os erros doutrinários que pervertem a mente e o coração dos salvos (Judas 3-4). Neste texto, será definido o que é uma seita, bem como quais são suas características e seu perfil. E isso a fim de que a Igreja estabeleça estratégias de como evangelizar aqueles que estão sendo enganados por falsos ensinos.

I – Definições

O termo “seita” vem do latim *secta*, que significa “partido, facção, escolha filosófica”. A palavra “heresia” é praticamente a

transliteração de *hairesis* – “opinião, escolha, escola de pensamento, doutrina religiosa; teoria que nega ou contraria a doutrina estabelecida por um grupo”, segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Como podemos constatar, o sentido original de “seita” não é pejorativo, visto que o próprio cristianismo foi assim denominado (Atos 24.5). Mas, atualmente, quando se fala em seita, pensa-se num sistema, num grupo religioso livre, que implica censura. Na realidade, nem uma seita se considera como tal. São igrejas e outros movimentos que as denominam assim.

Heresias, então, são ideias adulteradas ou doutrinas espúrias, falsas, ilegítimas. Para os cristãos, é todo o conjunto de doutrinas, mesmo evangélicas, que não condizem com a Bíblia e com os princípios elementares da Palavra de Deus. Por sua vez, seita é uma perversão religiosa cuja crença, prática e devoção se baseiam em alguma falsa doutrina. Enfim, “seita” refere-se a um grupo de pessoas de uma facção religiosa, e “heresia” indica as doutrinas ilegítimas defendidas por esse grupo. Resumindo: “uma seita é a defesa organizada de uma heresia”.

Elas têm como características a separação, a dissonância ou a contraposição em relação a concepções e práticas mais difundidas, historicamente afirmadas e reconhecidas, propondo-se como alternativa a elas.

II – Características de uma seita

Para identificar uma seita, basta verificar se ela está fundamentada em heresias (comparando-se com as Escrituras). Vejamos alguns aspectos comuns entre as seitas.

1. Novas verdades

Há princípios equivocados, adicionados e/ou subtraídos em uma seita, em relação à Palavra de Deus. Um desses princípios diz respeito à salvação, em

que o homem é aquele que a desenvolve na própria vida.
Não é assim que a Bíblia ensina.

2. Novas interpretações da Bíblia

Sectários empregam meios que não são legítimos para interpretar a Bíblia. Os meios corretos para interpretação são: observação do momento histórico, estudo da gramática e uso das palavras/expressões na época em que a passagem foi escrita, observação sobre se o que está exposto deve ser interpretado literal ou simbolicamente.

3. Uma fonte não-bíblica da autoridade

Em uma seita, a Bíblia é uma fonte secundária. Os seguidores creem na Bíblia de forma parcial, ou simplesmente não acreditam nas Escrituras. Admitem, às vezes, que alguns livros são inspirados. Consideram, no entanto, que seus próprios escritos têm maior autoridade que a Palavra.

4. “Outro Jesus” (2 Coríntios 11.3-4)

Jesus não é o centro da vida e da adoração. Geralmente, as seitas diminuem a divindade e senhorio de Cristo, tirando-lhe a divindade. Há politeístas, panteístas (que identificam o Universo com Deus), por exemplo. Existem



os que consideram a divindade de Jesus, mas não como suficiente e único caminho para Deus.

5. Profecias Falsas

As verdades sobre céu e inferno, nas seitas, dependem, na maioria das vezes, das visões que seus fundadores tiveram ou continuam tendo. É comum a ausência da Graça de Deus e a desconsideração de Seu juízo sobre os pecadores.

6. Exclusivismo

Dizem ser os únicos certos. Uma seita pode ter sido fundada há 5, 10, 100 ou 500 anos, não importa, seus adeptos afirmam que é a única que oferece a verdade. E por causa disso, são proselitistas. Os cristãos não afirmam que são os únicos certos, afirmam que Jesus Cristo é o único caminho.

III – Perfil de uma seita

Observemos as características do líder e dos adeptos de uma seita.

1. Perfil do líder

É frequentemente carismático e considerado muito especial por razões variadas:

- a) recebe revelação especial de Deus;*

- b) reivindica ser a encarnação de uma deidade, anjo, ou mensageiro especial;
- c) reivindica ter sido designado por Deus para uma missão extraordinária;
- d) reivindica ter habilidades especiais;
- e) está quase sempre acima da repreensão e não pode ser negado nem contradito.

2. Perfil dos adeptos

a) Quem é vulnerável a fazer parte de uma seita?

Qualquer pessoa pode ser convencida a entrar em uma seita: ricos, pobres, com boa formação acadêmica ou não, idosos, jovens, religiosos, ateus, etc; pessoas desencantadas com sua religião; os intelectualmente confusos em relação a assuntos religiosos e filosóficos;



os desiludidos com a sociedade; aqueles com necessidade de verdadeiras amizades e apoio; pessoas emocionalmente carentes; indivíduos que não têm definido seu propósito de vida.

b) Por que alguém entra em uma seita?

Porque ela satisfaz necessidades psicológicas de pessoas com personalidade fraca, facilmente manipulável; a seita pode ser atraente pela rigidez moral e demonstração de pureza.

c) Por que as pessoas se mantêm na seita?

Por dependência: as pessoas querem frequentemente ficar porque a seita vai ao encontro de suas necessidades psicológicas, intelectuais e espirituais;

Por isolamento: o contato com pessoas de fora do grupo é reduzido e cada vez mais a vida do membro é construída ao redor da seita;

Por reconstrução cognitiva (lavagem cerebral);

Por substituição: os companheiros de seita ocupam frequentemente o lugar de pai, mãe, pastor, professor, etc;

Por obrigação: o membro fica comprometido com o grupo, emocional e, às vezes, financeiramente;

Por culpa: é-lhe dito que sair da seita é trair o líder, Deus e o grupo;

Por ameaça: se houver abandono, haverá retaliações (prejuízo de alguma forma).

IV. O caminho do discernimento (Mateus 7.15-20)

Encontramos os falsos profetas em muitas ocasiões no Antigo Testamento (Jeremias 14.14; 23.21; Ezequiel 13.1-3), e Jesus nos avisou que quanto mais o tempo for passando, mais eles vão aumentando (Mateus 24.11). É um desafio muito grande para o povo de Deus, os falsos profetas se apresentam disfarçados: ovelhas por fora, lobos por dentro. Jesus não apenas nos avisou. Ele nos ensinou a fazer o teste dos frutos: “*Pelos seus frutos os conhecereis*” (Mateus 7.16,20).

1. A árvore boa

O falso profeta é aquele que fala em nome de Deus, mas não foi enviado por Ele. E como posso saber se esse profeta vem do Senhor ou não? Observe os frutos.

Pergunte se a doutrina daquele profeta glorifica a Deus; se Jesus Cristo é pregado como Salvador e Senhor; se restaura relacionamentos; se traz vida e poder espiritual. Pergunte se na vida desse profeta há pelo menos um pouco de amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio.

2. A árvore má

Nosso Senhor afirmou claramente que a árvore má não pode produzir frutos bons (Mateus 7.18). Você jamais colherá uvas de um espinheiro, nem figos de uma erva daninha (Mateus 7.16).

Jesus mudou a metáfora do lobo e da ovelha para a árvore e seus frutos. Porque nenhuma árvore pode se disfarçar ou esconder sua identidade por muito tempo. “Se o coração de uma pessoa se revela em suas palavras, como a árvore se conhece pelos seus frutos, temos a responsabilidade de experimentar um profeta pelos seus ensinamentos” (John Stott, A Mensagem do Sermão do Monte, p.213).

Quando Judas escreveu a epístola, foi impelido a exortar a Igreja a “*batalhar pela fé confiada aos santos*”. A razão que Judas menciona está evidenciada no versículo quatro:

“Pois certos indivíduos se introduziram com dissimulação, os quais, desde muito, foram antecipadamente pronunciados para esta condenação, homens ímpios, que transformam em libertinagem a graça de nosso Deus e negam o nosso único Soberano e Senhor, Jesus Cristo” (Judas 4). A Igreja, como Corpo do Senhor Jesus Cristo, tem o papel de defender a verdade e proclamá-la, sustentando-a pelo ensino correto da palavra de Deus.



Alisson Bruno é um pensador cristão, escritor e blogueiro. É presbítero na Igreja Assembleia de Deus - Nova Serrana/MG. Formando em Capelania cristã pela UCEBRAS, Bacharel em Teologia pelo Instituto Metodista

Izabela Hendrix e médio pelo Seminário Batista Livre. Atua e também é idealizador de vários projetos teológicos nas mídias sociais. Casado com Juliana Avelino e pai de Benício Lucas.

NOTAS

1) Desmascarando as Seitas; Natanael Rinaldi e Paulo Romeiro. CPAD.

2) Bíblia de Estudo Apologética ICP

A close-up portrait of a man with a bald head, a full, light brown beard, and mustache. He is wearing glasses and a dark suit jacket over a white shirt and a green striped tie. The background is dark.

CONVERSANDO COM O

Rev. Afonso Celso de Oliveira

A esquerda política, em suas diferentes correntes teóricas e movimentos, viu, nos últimos anos, a ascensão de uma direita também multifacetada, a qual pôs em cheque o monopólio marxista do debate público. Muitos cristãos despertaram para as premissas anticristãs da velha e da nova esquerda, passando, assim, a redescobrir e apoiar ideários conservadores (por mais que também tenham incorrido em distorções e confusões acerca disso). A perda de espaço levou os pensadores e militantes revolucionários a voltarem seus olhos para as igrejas, principalmente evangélicas, as quais constituem boa parte do eleitorado e da resistência conservadora no país. Historicamente, quando a Igreja do Senhor é atacada de fora, ela cresce e se fortalece. Mas, quando ela acolhe falsos mestres e ensinos venenosos, ela passa a se distanciar de Deus ao ponto de ser entregue a si mesma, para juízo ou correção. Lideranças esquerdistas perceberam que se quiserem anular boa parte da força que lhes resiste, terá que minar – por dentro – a fidelidade dos cristãos aos ensinos bíblicos, submetendo suas crenças a uma ideologia materialista, que se propõe a substituir Deus como provedor, mantenedor e redentor de todas as coisas. Será que este é um fenômeno recente? Em que ritmo vem acontecendo? Quais seus métodos? É sobre isso que conversamos com o rev. Afonso Celso de Oliveira, da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), cuja luta contra o progressismo no meio eclesiástico ganhou repercussão nacional nas redes sociais. A entrevista foi registrada por nosso colunista de política, Frederico Bragança.

BRAGANÇA - Reverendo, há quanto tempo o senhor percebeu que o progressismo vinha avançando e sendo acolhido dentro da igreja?

REV. AFONSO – Pessoalmente, eu comecei a me dar conta que o progressismo avançava dentro das fileiras de nossas igrejas quando fui missionário no Rio Grande do Sul (2005-2010). Percebi ali que alguns colegas, graças a Deus não todos, flirtavam e pregavam uma teologia liberal fundamentada nos ensinamentos de Rudolph Bultmann e Paul Tillich. Um desses colegas inclusive pregava abertamente que “Jesus não ressuscitou, o que ressuscitou foi a esperança no coração dos discípulos”. Uma declaração herética e centrada em uma teologia humanista, que nega a transcendência e prepara o caminho para que o povo abrace ideias progressistas. Minha percepção não significa evidentemente que o processo começou ali. Ali foi o momento que eu me choquei com essas posições liberais. Mas elas existem em germe dentro da IPB desde o início do século XX. O processo que a história testemunha é que esse germe foi progredindo e hoje temos uma IPB multifacetada, dividida, e caminhando para abraçar as teses progressistas disfarçadas dentro da teologia dos continuístas carismáticos e dos liberais

marxistas, apoiados pela maçonaria, que não foi expurgada da IPB e nunca será.

BRAGANÇA - Qual doutrina ou pauta antibíblica tem tido mais aceitação entre os cristãos?

REV. AFONSO – Acredito que as ideias que mais atraem hoje os cristãos incautos são a do feminismo disfarçado de discurso de igualdade e a do relativismo epistemológico, onde o conhecimento pode ser adquirido de várias formas, e verdades absolutas (doutrinas) podem ser relativizadas para se adequar à experiência humana. A negação da transcendência de Deus é sutil, mas presente nos ensinamentos que negam a ortodoxia bíblica. Neste prisma, caminhamos para aceitar a ordenação feminina, que será o primeiro



degrau da aceitação da união homossexual, e, consequentemente, a ordenação homossexual. A PCUSA (*Presbyterian Church USA*) é um espelho que reflete o que está se desenvolvendo em um primeiro estágio dentro da IPB. Mulheres feministas, que abraçam a ideologia marxista e pregam uma agenda abortista, estão dentro de nossas igrejas, ensinando na EBD, tendo oportunidade de dirigir palestras na SAF, de pregar em púlpitos, sob a conivência e passividade dos presbíteros e pastores. Alguém pode dizer que isso é um exagero. Não digo que majoritariamente isso ocorre na IPB, mas a semente da rebelião tem sido espalhada em algumas, e o crescimento disso é evidente. Aliados ao feminismo crescente dentro das igrejas, nós temos uma juventude universitária que, em sua maioria

(graças a Deus, pelas boas exceções), têm sido sistematicamente doutrinada com os pressupostos marxistas-fascistas, e estes, quando se encontram nos fim de semana dentro de nossas igrejas, voltam com essas ideias introjetadas em suas mentes. O declínio de nossa adoração, por exemplo, para um estilo sentimental e efeminado, reflete o que nossos jovens têm apreendido mais aos pés de Marx, Foucault, Weber, Nietzsche, do que de Jesus, Paulo, Pedro e João. O existentialismo humano, a busca pelo prazer imediato (hedonismo), a rejeição dos pressupostos teológicos absolutos (relativismo moral), avança a passos largos dentro de nossa juventude presbiteriana.

BRAGANÇA – A Bíblia tem muitas advertências contra falsos mestres e falsos ensinos. O senhor acha que o “politicamente correto” tornou as igrejas mais tolerantes para os lobos e as doutrinas de demônios?

REV. AFONSO – Vivemos hoje sob a ditadura do politicamente correto. Portanto, dentro dessa prisão ideológica, muitos Conselhos vêm sucumbindo entre pautar suas ações dentro da fidelidade absoluta às Sagradas Escrituras e à nossa confessionalidade reformada, ou agir de acordo com o que for menos penoso e mais confortável a se manter estável dentro do *status quo*. Confrontar hoje é visto com muito medo. Há

vários fatores humanos envolvidos nisso, e muitas vezes é melhor deixar como está para ver como fica. Pastores com medo de perder seus empregos, presbíteros temerosos de perder famílias inteiras submetem-se, então, à ética das vidas grossas. Poucos são hoje os que confrontam esse sistema. E os que se atrevem a fazê-lo são boicotados dentro do sistema. Os presbíteros os relegam ao ostracismo, e eles passam a ser vistos como gente que cria problema.

BRAGANÇA – Além dos preceitos e orientações bíblicas, a IPB tem resoluções bem claras contra certos tipos de doutrinas políticas e sociais. Por que tais resoluções são ampla e explicitamente desrespeitadas?

REV. AFONSO – Acho que de alguma forma já respondi essa pergunta na questão anterior. Existem resoluções que só são aplicadas no papel, mas não chegam na ponta, nas igrejas locais. Eu entendo que a falha está nos presbíteros que teriam o dever de fiscalizar o cumprimento das resoluções do SC-IPB (*Supremo Concílio da IPB*). Certa vez ouvi de um presbítero que questionou dentro do Conselho os seus pares porque aquela igreja mantinha um “ministério de danças”, sabendo que o SC-IPB já havia determinado que isso não deveria existir, e seus colegas, incluído o pastor, afirmavam que não eram obrigados a seguir

"O declínio de nossa adoração, por exemplo, para um estilo sentimental e efeminado, reflete o que nossos jovens têm apreendido mais aos pés de Marx, Foucault, Weber, Nietzsche, do que de Jesus, Paulo, Pedro e João. O existentialismo humano, a busca pelo prazer imediato (hedonismo), a rejeição dos pressupostos teológicos absolutos (relativismo moral), avança a passos largos dentro de nossa juventude..."





e a sociologia que devem pautar o tema do aborto, retirando, então, da esfera criminal e bíblica a discussão. Sugere então que existem números elevados de morte em mulheres por consequência de abortos clandestinos (o que é uma mentira, um mito), e, portanto, por uma questão de direitos humanos, o aborto deveria ser legalizado para que essas “milhares” de mulheres que morrem todos os anos como “vítimas” das consequências dos abortos clandestinos pudessem, sob a tutela do Estado, sem nenhum estigma de que estão cometendo crimes, ser amparadas e cuidadas na rede de saúde pública, interrompendo a gravidez de forma “segura”. O apelo, então, não é bíblico. Ele é um apelo aos sentimentos humanistas, baseados em mentiras e em uma ética utilitarista.

BRAGANÇA – *O marxismo cultural – esta forma de marxismo que busca a revolução através da cultura, inclusive subvertendo a religião – é mais facilmente acolhido em igrejas grandes ou em pequenas igrejas locais?*

VER. AFONSO - Uma questão difícil de dizer nesses termos. O que de fato podemos verificar é que esse fenômeno da disseminação de uma cultura marxista está presente no seio da sociedade como um todo. Em igrejas grandes, médias, pequenas, históricas, pentecostais, católicas, a gente encontra membros com viés a

determinações do SC-IPB. Um flagrante desrespeito à ordem constitucional. Ele me perguntou o que poderia fazer. Disse-lhe que ele, como presbítero, poderia levar o caso ao presbitério por meio de uma denúncia, ou até mesmo fazer subir uma consulta. Ele me disse então que o presbitério sabia e apoiava essas inovações dentro daquela região. Aí fica difícil...

BRAGANÇA – *É impressionante que algumas pessoas acreditam que seja possível harmonizar pautas progressistas, como a descriminalização do aborto, com a cosmovisão cristã. Sabemos que é um absurdo, mas, quais são as distorções bíblicas que esses ativistas fazem para justificar a defesa de tal coisa?*

REV. AFONSO - Em primeiro lugar, esses “cristãos” progressistas não subscrevem a infalibilidade, inerrância e suficiência das Escrituras. Portanto, não exigem de si mesmo nenhuma coerência com o ensino bíblico. Em segundo lugar, eles se fundamentam nas chamadas ciências sociais e biológicas (quando estas últimas se enquadram em suas ideias) para disseminar sua posição. Uma dessas pessoas, membro de uma IPB, defende abertamente que aborto é um caso de saúde pública. Ou seja, sutilmente, ela afirma que é a bioética





esquerda. Alguns nem sabem o que significa isso, mas adotam consciente ou inconscientemente pontos da doutrina marxista. Não é difícil encontrar, por exemplo, gente que se diz cristã e abraça pautas desarmamentistas, que acreditam que um criminoso é vítima da sociedade, que defendem a emancipação feminina e sua consequente rebeldia contra as orientações bíblicas da submissão a seu marido. Gente que acha simpático apoiar o “amor” entre as pessoas, independentemente se a orientação for homossexual. Que defende princípios de um Estado social, em nome de uma pretensa justiça social, e por aí vai. Esse fenômeno é universal dentro das igrejas hoje. Algumas mais, outras menos. Mas ele está presente aí.

BRAGANÇA - As igrejas, num geral, dispõem de mecanismos de disciplina, os quais também podem se aplicar a desvios de doutrina no sentido político e social. as igrejas os têm negligenciado ou mesmo falhado em aplicá-los?

REV. AFONSO - É mais fácil disciplinar alguém por uma queda moral (adultério, fornicação, homossexualismo etc.), do que por práticas heréticas. Quanto mais por sua posição política. Nossos documentos favorecem essa leniência. O Código de Disciplina alivia essas tensões apelando para o “foro íntimo”. O artigo 1º diz, *in verbis*: “A igreja reconhece o foro íntimo da consciência, que escapa à sua jurisdição, e da qual só Deus é Juiz”. Isso dá uma espécie de salvo conduto para os membros se filiarem, por exemplo, a partidos de esquerda, ou se

envolverem em eventos e manifestações esquerdistas. Eles chamam isso de uma decisão de foro íntimo, particular, que não pode ser alcançado pela disciplina da igreja. E muitos presbíteros, e grande parte dos pastores caem nessa esparrela. Existem documentos oficiais do SC-IPB orientando sobre a incompatibilidade absoluta do comunismo (e suas variantes) com a fé cristã, e que isso representa um pecado passível de disciplina. Mas, eu nunca ouvi nenhum caso de alguém que tenha sido denunciado e disciplinado por causa de ideias esquerdistas. Conheço alguém que foi denunciado quatro vezes no Conselho por ser um militante convicto do marxismo cultural, defensora do aborto, militante na causa feminista, e essas denúncias simplesmente não se transformam em processo e não andam.

BRAGANÇA - Sendo direto: o senhor crê que é possível ser cristão e militante de pautas revolucionárias à esquerda?

REV. AFONSO - Não! Impossível! Não se pode servir a dois senhores.

BRAGANÇA - O senhor teria alguma palavra de encorajamento ou orientação para membros que queiram denunciar militantes revolucionários às lideranças de suas igrejas locais?

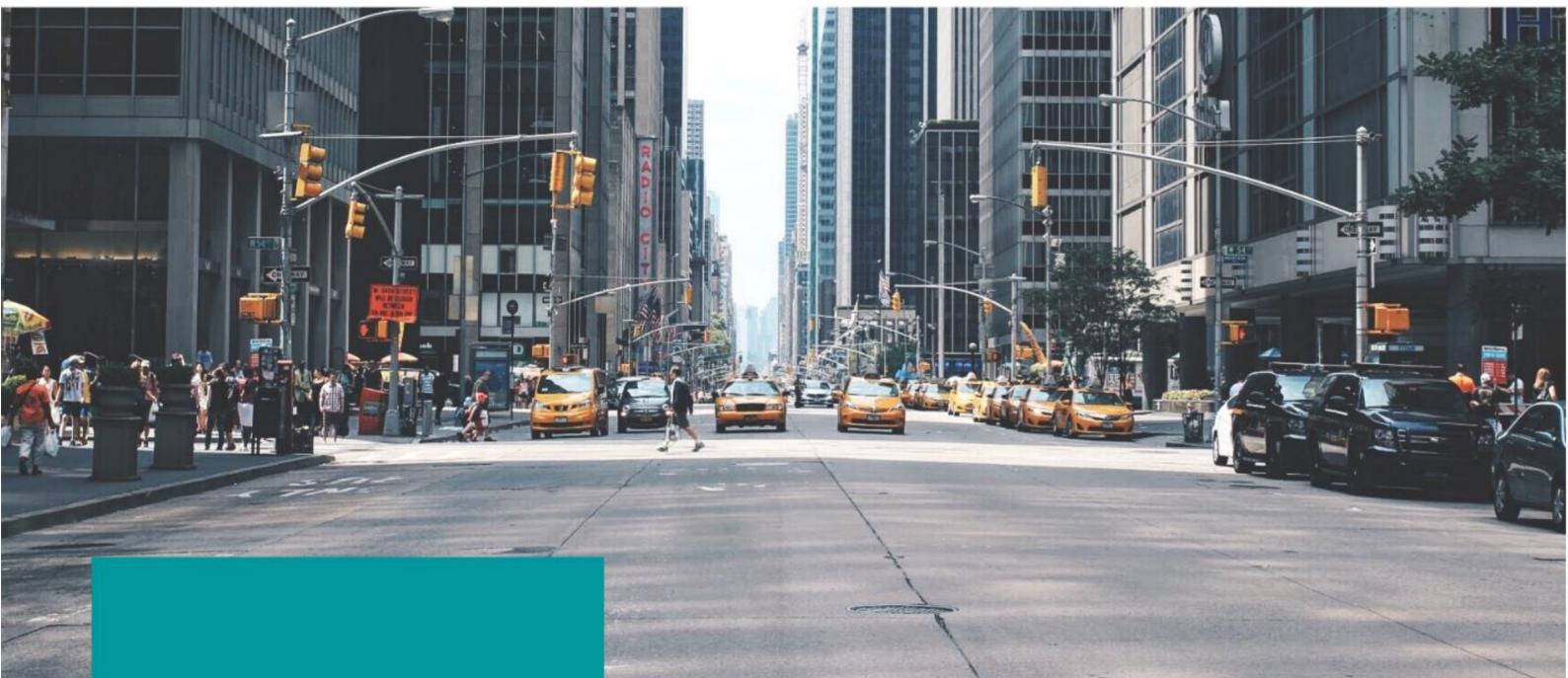
REV. AFONSO - Primeiro, minha palavra de encorajamento é no sentido de que eles se mantenham firmes, fieis ao Senhor da Igreja, e sejam leais à confessionalidade que abraçaram. Segundo, denunciem

primeiro em oração ao Senhor da Igreja. Coloquem essas pessoas diante de Deus para que elas possam ser tocadas e libertas pelo Senhor. Terceiro, conversem com seu pastor, e se for necessário então façam um documento consubstanciado com provas e evidências e registrem a denúncia no Conselho da igreja. Se for o caso de ser o próprio ministro alguém progressista, que tomem coragem e denunciem junto ao presbitério. Se a coisa permanecer como está, eu penso que essa pessoa que denunciou deve considerar, depois de todas essas tratativas fracassadas, buscar uma nova comunidade de fé para servir ao Senhor, uma que seja mais fiel às Escrituras e à fé reformada. Entendo ainda que, pensando preventivamente, os pastores e professores de EBD deveriam se capacitar melhor nestes temas, quebrar certos tabus de que não se fala em política dentro da igreja, e começarem a ensinar sobre uma Cosmovisão Bíblica Reformada que abarque todas as áreas da cultura, incluindo a política. Devemos instruir nossos membros, principalmente os nossos jovens dos perigos de uma cosmovisão à esquerda, e direcioná-los dentro da Verdade e da Palavra de Deus a discernir o mundo em que vivemos, que jaz no maligno. Ao instruirmos nossos moços, estamos preparando-os com a formação de um senso crítico adequado para enfrentar o inimigo em seu campo, que hoje são os *campi* universitários, os diretórios de estudantes, os sindicatos de classes, etc. Nossa passividade tem produzido uma geração alienada dentro da igreja. E quando esses meninos são colocados diante das feras no mundo, estão sendo destroçados e voltando - quando voltam - para as igrejas totalmente corrompidos, disseminando o mal e promovendo cizânia dentro da igreja. A melhor forma de demonstrarmos amor por estes é instruí-los com a verdade que liberta.



Frederico Bragança é professor de Língua Inglesa na rede privada e bacharel em Relações Internacionais, pela Universidade Potiguar. Serve a Deus como professor na Escola Bíblica da Congregação Presbiteriana do Alto da Candelária, em Natal/RN. Casado com Rebeca.

O QUE É TEOLOGIA PÚBLICA?



A teologia pública, portanto, parte do pressuposto de que inevitavelmente a teologia tem uma dimensão pública, e que os cristãos devem interagir com o mundo em que estão inseridos a partir de um ponto de vista cristão.

Recentemente o mundo inteiro se viu tomado pela pandemia inédita causada pelo vírus Covid-19. Países em todos os continentes foram afetados, com decretação de quarentenas e diversas outras medidas para tentar evitar a propagação descontrolada do coronavírus. Igrejas também foram impactadas, sendo impedidas de se reunir presencialmente em vários países e boa parte do Brasil. Inevitavelmente surgiu o questionamento: que postura nós, coletivamente como igreja e individualmente como cristãos deveríamos tomar diante de tal cenário inédito e catastrófico? Indiscutivelmente, todos foram afetados, mas será que a teologia tem algo a dizer frente a tudo o que vem acontecendo? A ciência é a solução para os problemas e podemos confiar nela? E o que dizer das decisões políticas tomadas de acordo com uma ou outra corrente supostamente científica? E os problemas sociais e econômicos que surgem em decorrência das medidas de combate à pandemia? Podemos dizer que a teologia pública tem a ver com esse tipo de questionamento.

Passemos à definição do termo “teologia pública”. Ele foi usado pela 1ª vez nos EUA, em 1974, pelo teólogo Martin Marty, ao refletir sobre o pensamento de outro importante teólogo e cientista político, Reinhold Niebhr.

Várias são as definições propostas para esse campo de estudos da teologia, e o termo continua em disputa ainda hoje, muitas vezes variando de pensador para pensador. Não obstante isso, em qualquer conceito que se apresente, por mais variado que seja todos tem em comum o seguinte aspecto: *o entendimento de que a teologia tem uma dimensão pública, a qual interage com a sociedade como um todo, incluindo aí a política, ciência, economia cultura e demais crenças.* A teologia não é voltada apenas para os cristãos, mas também interage necessariamente com assuntos de interesse público, de interesse de um público mais amplo que o cristão.

Assim, quando no espaço público (por exemplo, nos debates sobre economia, política, sociedade, ciência e ética social), a teologia pode partir de suas concepções de fé, mas deve procurar manifestar-se de uma forma *racional, razoável, acessível e comunicável* aos que não compartilham das mesmas crenças, buscando, quanto aos assuntos públicos, o bem comum para todos, inclusive dos não cristãos.

Por outro lado, pode-se dizer que a teologia pública é teologia apologética. Isso porque a teologia não somente busca compreender a natureza da verdade bíblica, mas também refletir sobre como essa verdade trata das questões da atualidade. Logo, a teologia deve lidar com questões externas, ou seja, a relação das crenças e práticas cristãs com o contexto cultural e social mais amplo. Nesse sentido, podemos definir a teologia pública da seguinte maneira:

*A teologia pública é a tentativa de, no intercâmbio interdisciplinar com as demais ciências universitárias e no diálogo crítico com a igreja e a sociedade, oferecer orientação em questões sociais básicas, elaborando, ao mesmo tempo, recursos de comunicação que contribuem para incluir orientações religiosas para o discurso numa sociedade pluralista.*¹

À luz dessa conceituação, poderíamos dizer que uma boa teologia pública deve, primeiramente, ser fiel à verdade bíblica; deve também ter a capacidade de falar tanto em termos teológicos propriamente ditos (para o público “interno”, ou seja, cristão) como em uma linguagem comprehensível para os não cristãos (o público “externo”); capacidade de integrar os saberes das diversas áreas do conhecimento humano; capacidade para aconselhamento político, sem perder a dimensão da necessária crítica profética à sociedade e aos poderes constituídos quando esta se fizer necessária.

A teologia pública, portanto, parte do pressuposto de que inevitavelmente a teologia tem uma dimensão pública, e que os cristãos devem interagir com o mundo em que estão inseridos a partir de um ponto de vista cristão. Isso significa que a teologia pública, enquanto fundamentação teológica para a ação responsável da igreja e do cristão no mundo, deve, por um lado, dizer *não* às tentativas de transformação total da realidade (milenarismo revolucionário), e também ao seu oposto, a acomodação à cultura. Por outro lado, deve dizer *sim* ao engajamento cultural (meio termo entre abandonar e dominar a cultura).

À luz dessas definições, gostaria de ressaltar os seguintes pontos para uma teologia pública adequada ao nosso contexto:

1 - A igreja tem um papel importante na formação de pessoas que vão atuar como cristãos responsáveis no espaço público, pois ela forma pessoas com virtudes espirituais, fundamentais para a nossa sociedade. Nesse sentido, culto e liturgia seriam importantes para uma teologia pública, na medida em que são fundamentais para a formação de pessoas virtuosas. Uma teologia pública evangélica passa pela formação dessas virtudes, portanto, não meramente pelo intelecto ou estratégias para causar impacto na sociedade.

2 - É importante usar a linguagem adequada para cada público da teologia: economia, academia, política, sociedade civil, ciência, opinião pública, etc. Por exemplo, um político evangélico não deve falar “evangeliquês” em um debate sobre o aborto, mas sim buscar argumentos científicos, filosóficos, sociológicos, etc., que possam ser aceitos também pelos não cristãos. Isso não significa que ele deva abandonar sua identidade cristã, pois ela orienta suas decisões e escolhas de argumentos que serão usados. Eventualmente argumentos teológicos serão usados, especialmente se o público destinatário do discurso for religioso. Esse seria o “*Discurso em dupla linguagem*” da teologia pública.

3 - Fazer teologia à luz do futuro: nos debates públicos, não podemos esquecer de enquadrar o político, econômico, social, etc., à luz da eternidade, ao mesmo tempo em que situamos a teologia à luz do mundo criado. Dessa forma, transcendência e imanência andam juntas numa teologia pública.

4 - Teologia pública deve ser cruciforme, ou seja, devemos relacioná-la com a teologia da cruz. Isso significa serviço e humildade, sem triunfalismos ou simples pretensão de dominação ou imposição da nossa fé sobre os não cristãos.



A teologia não somente busca compreender a natureza da verdade bíblica, mas também refletir sobre como essa verdade trata das questões da atualidade.



5 - A teologia pública deve ser orientada pela Palavra, para evitar, por um lado, o liberalismo teológico que justifica valores e uma cultura anticristã ou, por outro lado, o uso da esfera pública apenas para favorecer igrejas, e não a sociedade. Nesse sentido, não deve servir apenas para dominação institucional de um segmento confessional, a favor de determinado grupo, e muito menos de determinada ideologia. Assim, vai além de mera presença na esfera pública, mas envolve também a crítica a essa atuação, buscando o bem mais amplo da sociedade, não apenas os “direitos” (privilégios) da igreja ou dos cristãos. Teologia pública não é teologia classista, de sindicato.

6 - É importante que a teologia esteja preparada para denunciar ídolos da sociedade e anunciar a glória de Deus. Nesse sentido, ela é profética e crítica a instituições, líderes, ideologias e tudo aquilo que se oponha ao Reino de Deus.

7 - Uma teologia pública relevante deve tentar, até certo ponto, transpor as barreiras da confessionalidade. Não pode se limitar aos pentecostais, por exemplo, ou aos reformados. Nesse sentido, deve ser “ecumênica”, para melhor testemunho da verdade em uma sociedade secularizada e cada vez mais anticristã.

8 - É importante que os teólogos públicos falem somente do que sabem, ou seja, devem evitar o dia, dar palpites superficiais sobre todos os assuntos, sem conhecimento de causa. É necessário entender de ciência, cultura, política, economia e filosofia para que o diálogo seja proveitoso.

9 - Teologia pública não pode ficar limitada a agendas político-ideológicas, mas buscar o bem comum. Muitas teologias que interagiram com assuntos públicos, como a Teologia da Libertação e a Teologia de Missão Integral, mostraram um comprometimento além do desejado com ideologias políticas, a tal ponto que a leitura bíblica restou submissa a padrões ideológicos. Esse é o risco que sempre se corre ao fazer teologia pública, na medida em que a interação com os sistemas de pensamento é indispensável. Teologia pública não é sinônimo de marxismo ou direita religiosa.

10 - Não pode ser mera crítica profética, mas deve ser também construtiva, colaborativa, conselheira.

11 - Por fim, a teologia pública deve partir da confessionalidade: não deve particularizar demais a ponto de se reduzir a dogmas compatíveis com apenas certo ramo do cristianismo, mas também não deve tornar a teologia um discurso genérico sobre Deus (“Deísta”). Como afirma o teólogo Frank Thiemann: intencionando alcançar a cultura secular, muito facilmente se tem perdido o vínculo com as raízes cristãs. O desafio é fazer uma teologia pública que permaneça baseada nas

particularidades da fé cristã, mas lidando genuinamente com questões de significância pública.

Finalizando, vale lembrar a afirmação do teólogo alemão Wolfhart Pannenberg sobre os desafios que o cristianismo enfrenta em uma sociedade secularizada:

"O Cristianismo proposto como uma alternativa ou complemento à vida numa sociedade secularizada deve ser tanto vibrante quanto plausível. Acima de tudo, deve ser substancialmente diferente e propor uma diferença na maneira em que as pessoas vivem. (...) A apresentação plausível e persuasiva das particularidades Cristãs não são uma questão de marketing. É uma questão de o quê as igrejas devem às pessoas nas nossas sociedades secularizadas: a proclamação do Cristo ressurreto, a alegre evidência da vida nova em Cristo, da vida que supera a morte."

A oposição da proclamação Cristã ao espírito do secularismo deve estar sempre aliançada com a razão. Isso está de acordo com a clássica tradição Cristã que, desde os tempos da Igreja primitiva, formou uma aliança com a razão e a verdadeira filosofia para sustentar a validade universal do ensinamento Cristão."²

Concluindo essa pequena introdução ao conceito de teologia pública, podemos dizer que, quando se trata da relação entre fé e espaço público, não se deseja a alienação cultural de certos segmentos pietistas do

movimento evangélico, o triunfalismo e milenarismo de certos segmentos da direita religiosa ou da Teologia da Libertação e a falta de profundidade das pragmáticas "igrejas em busca de espiritualidade". Para além do triunfalismo e do conformismo, precisamos lembrar que, no final de tudo, apesar de nossas falhas e das adversidades, Deus e o seu reino vencem.

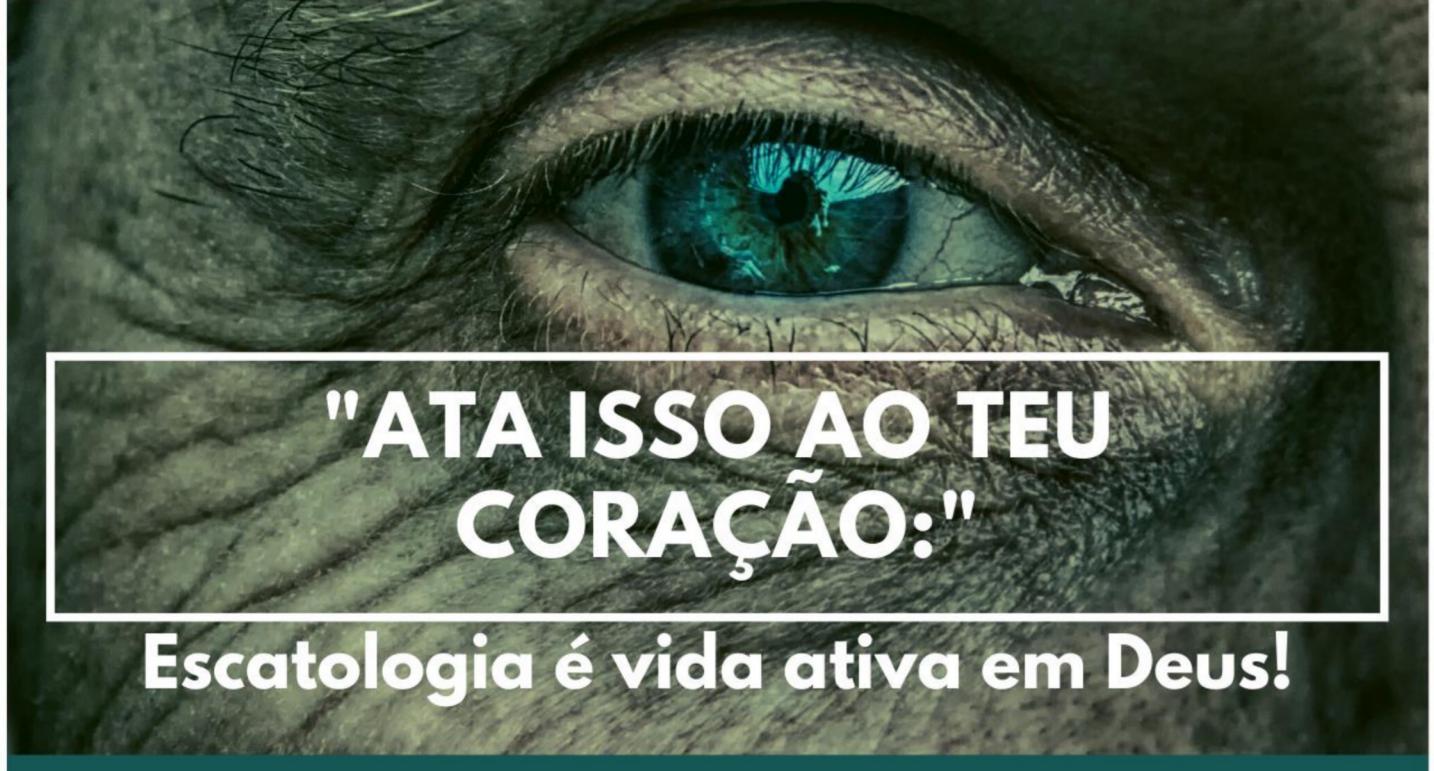


Rodrigo Majewski é Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e em Teologia pelo Seminário Martin Bucer. Especialista em Direitos Humanos Fundamentais, Liberdade Religiosa, Liberdade de Expressão e Objecção de Consciência pela ULBRA/ANAJURE. Mestre em Teologia pelas Faculdades EST. Procurador Federal. Presbítero ordenado pela Assembleia de Deus de Porto Alegre, onde pastoreia a Congregação do Jardim Botânico.

NOTAS:

[1] HEINRICH BEDFORD-STROHM, Teologia Pública e Responsabilidade Política. Revista Estudos Teológicos, São Leopoldo v. 54 n. 1 p. 84-98 jan./jun. 2014, p. 85)

[2] PANNENBERG, Wolfhart. Como pensar sobre o secularismo. Disponível em:
<https://vitorgrando.wordpress.com/2016/01/08/como-pensar-sobre-o-secularismo-wolfhart-pannenberg/>



"ATA ISSO AO TEU CORAÇÃO:"

Escatologia é vida ativa em Deus!

"A escatologia lança luz sobre todas as doutrinas e responde questões que qualquer outro assunto teológico levanta".

- Abraham Kuyper

O cristão precisa de uma maior compreensão sobre escatologia para viverem, na prática, os efeitos que ela produz na vida cristã. O descaso ou negligência para com uma doutrina tão importante produz um vácuo perigoso, uma vez que tal matéria é o ponto crucial e a coroa da teologia sistemática.

Entendo que esta doutrina, assim como todas as outras ortodoxas, traz consigo valores eternos, verdades profundas por trás de conceitos e eventos. Com isso, a doutrina merece atenção, estudo cuidadoso, intenso e completo. Unido a isso, precisamos nos desvestir de mecanismos costumeiros, de nos aproximarmos das doutrinas por mera curiosidade. A busca por conhecer o caráter de Deus não pode partir de uma mera curiosidade, mas de afeições correspondentes à necessidade de amá-lo e conhecê-lo. Infelizmente - até onde os olhos alcançam, boa parte dos cristãos lançam como base de sua cosmovisão escatológica, assuntos altamente especulativos e excessiva imaginação, dois hábitos costumeiros que são grandes adversários da ortodoxia.

Com a escatologia, isso acontece para que ainda mais.

Por sua vez, tal doutrina não deve ser entendida como o fim de todas as coisas ou assunto sobre os últimos dias

- mesmo que o nome remeta a isso, mas, ao cumprimento de coisas passadas, presentes e futuras. Uma vez que compreendermos a doutrina desta forma, será facilitada a nós o entendimento da mesma.

Colocando imediatamente este princípio em prática, devemos entender, por exemplo, que Jesus introduziu uma nova era e já conquistou a vitória eterna contra os poderes do mal, embora a luta ainda seja travada no curso da história. Justapondo-se a esse entendimento, precisamos perceber que há elementos de profecias prenunciantes, mesmo no ministério de Jesus, que simplesmente não podem ser consideradas cumpridas – devemos, portanto, permanecer abertos para o futuro, olhá-lo com expectativa.

Paulo deixou muito claro à igreja de Tessalônica o efeito que a escatologia cristocêntrica deve provocar no coração de seus leitores. Parte da igreja de Tessalônica se mantinha triste pela perda de entes queridos. Paulo, no entanto, ainda que entendendo a dor da perda, não queria que eles se entrisecessem como descrentes, como pessoas que não tinham esperanças em Deus. Depois de os explicar acerca da Segunda Vinda, e assegurar a eles que o evento verdadeiramente haverá de acontecer, aconselhou: “*Consolai-vos, pois, uns aos outros com essas palavras*” (1 Tessalonicenses 4.18).

Às vezes, é fácil esquecermo-nos de que as verdades escatológicas contidas na Palavra de Deus têm o propósito de nos consolar e nos dar segurança, no hoje e no porvir. Além do visível consolo que a volta de

Cristo deve trazer ao coração dos seus e, aqui abro um parêntese para dizer que “aqueles que têm medo da volta de seu Senhor, devem rever sua fé em Cristo, pois o sentimento de aversão ao seu retorno, decorrente ao medo, é uma clara expressão de descomunhão com Deus, assim como também, é reflexo de uma consciência que acusa uma vida sem santificação e zelo pela lei de Deus”. Essas palavras são duras, mas dignas de aceitação.

Continuo dizendo que escatologia também se aplica a nossas vidas nas seguintes formas:

1 - Nos conduz na adoração a Deus

A adoração deveria ser o fim de toda teologia, especialmente da escatologia. Quando pensamos na ressurreição, na derrota de todos os opositores de Cristo, no julgamento final, e na união eterna entre Cristo e Sua Igreja, nós, certamente, não podemos deixar de amplificarmos nossa adoração a Deus. Se, no entanto, nossa escatologia não resulta em uma maior adoração a Deus, ou nós estamos errados ou estamos nos aproximando da Verdade no espírito errado.

2 - Escatologia nos ajuda a servir com zelo

O fato de vivermos uma nova era, caminhando para o fim de todas as coisas, não deveria nos tornar servos passivos aguardando o inevitável, nem nos induzir à uma inércia fatalista. Em vez disso, o Novo Testamento relaciona o fim iminente de todas as coisas ao serviço zeloso dos primitivos que viveram o fim da antiga aliança.

3 - Ajuda a ter esperança e confiança em Deus em meio às tribulações

Às vezes, igrejas e cristãos enfrentam provações das quais eles não serão libertados enquanto estão aqui na terra. Em meio à doenças, dores e injustiças, é vital ter uma esperança viva de vida na ressurreição. Somente isso servirá para nutrir a perseverança fiel até o fim.

4 - Escatologia nos ajuda a olhar para o futuro com gozo

Infelizmente, mesmo para os cristãos, a preocupação com o mundo presente sufoca o interesse no mundo porvir. Escatologia, no entanto, mantém estas verdades vitais e finais à nossa frente e nos encoraja a olhar além deste mundo, para a glória eterna, uma vez que os cristãos que viveram períodos de perseguição, peste, guerra, martírio e uma grande apostasia, nunca olharam

para trás, porém, derramaram suas vidas crendo fielmente no porvir e na vida eterna.

5 - Escatologia nos encoraja

Nas situações mais difíceis, os cristãos sempre costumaram focalizar seu futuro ao lado de Deus. Boa parte dos mártires deve ter dado seu último suspiro pensando no encontro com o Senhor. Exemplo disso é o apóstolo Paulo que, diante do risco iminente de ser condenado à morte em Roma, diz aos filipenses que considerava a morte um “lucro”, (Filipenses 1.21). Vê-se isso de modo mais contundente em sua última carta, quando sabia de seu fim iminente: “*Quanto a mim, estou sendo já oferecido por libação, e o tempo da minha partida é chegado. Combatí o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda*”, (2 Timóteo 4.6-8).

Olhar para a morte dessa maneira exige que o homem seja desequilibrado ou corajoso, e Paulo, longe de ser desequilibrado, deixou claro que sua coragem estava na certeza do seu futuro e dos acontecimentos escatológicos representados na expressão “*naquele Dia*”.

6 - Escatologia promove o compromisso

De modo surpreendente, a escatologia é uma ferramenta útil até mesmo no campo da obediência e da santificação. O apóstolo João, depois de mencionar a realidade futura da nossa condição semelhante à de Jesus, aplica tal conhecimento à purificação presente: “*Amados, agora, somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é. E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro*”, (1a João 3.2, 3).

Com isso, ele ensina que o cristão, sabendo quem haverá de ser no futuro, deve lutar para manter uma vida presente condigna com seu futuro.

Por mais importante que seja ter convicções acerca de escatologia, é bom ter em mente que elas podem variar quanto à importância. É essencial concordar quanto a assuntos básicos, como a segunda vinda de Cristo e a vida após a morte. Por outro lado, o apego excessivo a uma posição específica a ponto de não permitir uma simples conversa de revisão cosmovisacional, tais como

sobre o milênio ou tribulação, não deve servir como prova de ortodoxia ou como condição para comunhão ou unidade cristã. A ênfase deve estar nos pontos em que há acordo, não nos pontos discordantes.

Que essas verdades práticas ajudem você a desenvolver a visão correta acerca do único e verdadeiro Deus, para que o Espírito da profecia forge em você o Cristo, Santo, obediente e servo, carregado de amor e temente, sempre pronto a viver tudo aquilo que Deus Pai espera de seus filhos. Que a escatologia lhe dê um novo sabor! Sabor de consolo, conforto, louvor e segurança em nosso Cristo, pois o que ela grita é o serviço e a fidelidade de Deus para com o seu povo.



Leandro Carvalho da Silva, 35 anos, é casado com Sabrina Carvalho. Pai de Samuel, Bernardo e Mathias, serve a Deus como auxiliar na Igreja Evangélica Assembleia de Deus, distrito Mário Quintana, em Porto Alegre/RS. Iniciou o bacharelado em Teologia, pelo Instituto Reformado Santo Evangelho. Trabalha na área comercial como consultor óptico e pesquisa escatologia há seis anos como autodidata

O ROMANCE CRISTÃO E O HOLLYWOODIANO



Antes de entrarmos no escopo do tema, enfatizando a diferença entre o romance do ponto de vista bíblico e do ponto de vista cinematográfico, é importante entendermos o que é um relacionamento amoroso do ponto de vista de Deus. Quando Deus cria homem e mulher e ordena “*sede secundos*” e “*deixe pai e mãe e tornem-se uma só carne*”, Ele não está falando de um simples *affair* arraigado nos padrões mundanos, mas de uma aliança. A aliança proposta por Deus é o alicerce de todos os

relacionamentos, inclusive aquele do próprio Deus com o Seu povo. Deus enxerga, através do primeiro casal no Éden, a continuidade de Sua criação.

O nosso Deus é um Deus de aliança e de amor.

Mas, é importante entendermos também o que é o amor. O amor, do ponto de vista das Escrituras, não é um sentimento, é o estado do nosso coração. O sentimento pode estar relacionado ao amor, mas o amor não está limitado a um sentimento, visto que podemos amar sem

emoções, principalmente quando Jesus nos ordena a amarmos os nossos inimigos. Portanto, o amor é o estado do coração humano: ou temos ou não temos. Quando somos regenerados e recebemos uma nova natureza, passamos a conhecer um tipo de amor que o mundo não nos dá - o verdadeiro amor. E, porque Deus é o próprio amor, só conhecemos o verdadeiro amor quando conhecemos a Ele. Hollywood não tem muito a nos oferecer sobre esse tema.

É importante que saibamos que, diferente do cinema, o relacionamento ensinado pelas Escrituras não está fundamentado em sentimentalismos, mas em um

Uma aliança não deve ser quebrada e quando falamos de amor estamos falando de um atributo que é inherentemente capaz de perdoar, de não buscar seus próprios interesses e vaidades, que é benigno e longânimo. Ainda que haja desavenças e dificuldades, quando há amor, há superação. Onde há superação dia após dia, há uma aliança incorruptível. E é nessa direção que somente as Escrituras, através do poder do Espírito Santo, podem nos orientar.

Como mulher, percebo que o mundo está sempre nos instigando a sermos poderosas e donas do nosso próprio nariz (nós, mulheres). Não acho que seja incorreto trabalhar pelo sucesso profissional quando existe esse desejo, mas a grande questão é: até que ponto isso não gera uma disputa dentro de casa? Deus deu à mulher e ao homem funções específicas no lar e na sociedade. A troca de funções e o atropelamento dos papéis convergem em tragédias familiares: divórcio, contendas, ausência paternal e maternal e assim por diante.

O romance hollywoodiano é ou perfeito ou trágico. Já o romance cristão deveria ser imperfeito sendo norteado por Alguém perfeito, assim como estável apesar das instabilidades do mundo, uma vez que firmado na Rocha. Haverá alegria, decepções e tristezas na rota do romance cristão, mas haverá Deus apesar das circunstâncias, e esse é o grande diferencial. Aprender e exercer o amor pactual do Criador, que é o próprio amor.

Como conclusão, deixo uma reflexão: se os romances fossem tão perfeitos como os de Hollywood, não precisaríamos trazer Jesus, que é perfeito, ao centro. E, se eles fossem tão trágicos, teríamos que assumir que Deus estava errado quando disse que o que Ele une, homem nenhum separa, e que homem e mulher são uma só carne. Diante disso, portanto, fico com uma única verdade: relacionamentos são imperfeitos, mas quando conduzidos por Aquele que é perfeito, superamos os desafios diários e vamos vencendo de glória em glória. Com Cristo no centro, nada pode ser tão trágico a ponto de não ser resolvido ou, ao menos, superado.

PORQUE DEUS É O PRÓPRIO AMOR, SÓ CONHECEMOS O VERDADEIRO AMOR QUANDO CONHECEMOS A ELE.

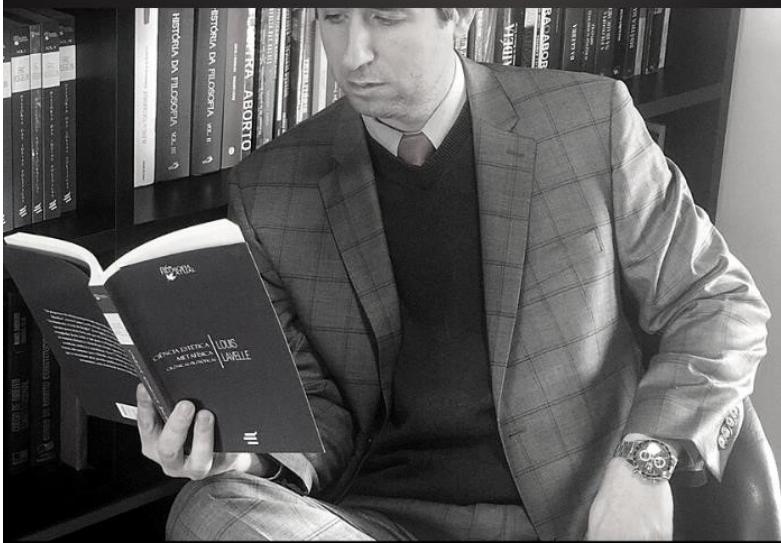
alicerce fundamental: **o amor pactual**. E se quisermos entender de fato o que é esse amor, basta olharmos para 1 Coríntios 13.

O amor é paciente de forma consistente. Ele não mantém nossos registros de erros – “*quantas vezes devo perdoar?*” Sabemos essa resposta. Mas, mesmo se não soubermos, basta pensar: “*quantas vezes Deus nos perdoou e tem nos perdoado?*” O amor perdoa. O amor confia. O amor não se deixa levar pela ira do momento e nem se dissolve, porque aquilo que Deus uniu o homem não pode separar. E estou convencida de que não é exatamente isso que a grande mídia tem nos ensinado. Vemos cenas desastrosas nos filmes, onde um cônjuge abandona o outro com a mesma facilidade com a qual troca de roupa e insiste “o amor acabou”. Não! Ele nunca existiu. O que muito provavelmente existia era paixão - sentimentalismo puro.



Bella Falconi congrega na Igreja Presbiteriana de Pinheiros, São Paulo – SP. É palestrante, Bacharel e Mestre em Nutrição e Pós-graduanda em Teologia Sistemática.

ESPECIAL DIREITO RELIGIOSO



CONVERSANDO COM O

**Dr.
Thiago
Rafael
Vieira**



Entre os dias 2 e 4 de junho de 2020, bem à moda do isolamento nesses tempos pandêmicos, nosso colunista Natanael Pedro Castoldi realizou ampla troca de mensagens com o irmão Dr. Thiago Rafael Vieira. Na última uma década e meia, nosso advogado e especialista em direito religioso tem militado pela causa da Igreja de Cristo, atuando na defesa da autonomia jurídica de igrejas em todo o país. Quem o acompanha pelas redes sociais, se espanta com intensidade de sua dedicação ao Reino, em defesa do qual demonstra incansável dedicação, o que ficou provado com o seu pronto interesse de abrir um espaço em sua requisitada agenda para nos atender. Na conversa que segue, Vieira expõe sua argumentação a respeito de questões como o Estado Laico, a cobrança de impostos sobre templos religiosos, a liberdade de expressão, entre outras. Esperamos que o resultado da conversa seja de utilidade para todos os leitores e para suas comunidades.

CASTOLDI - É uma grande honra poder entrevistar o senhor, Dr. Thiago Vieira. Gostaria de apresentar-se aos leitores, falando um pouco de sua formação e, resumidamente, a respeito do seu trabalho em Direito Religioso?

T. R. VIEIRA - A honra é minha, Natanael. Sempre é uma honra a oportunidade que Deus nos concede de servir, especialmente na defesa de sua Igreja. Deixamos o doutor de lado, peço que me chame da maior e mais honrosa titulação que podemos ter: sermos filhos do Deus altíssimo, portanto, me chame de irmão. Há dezesseis anos estamos servindo à Igreja brasileira por meio da advocacia em Direito Religioso, o que nos cora de orgulho, visto que nada podia ser melhor do que atuar no Direito e, de quebra, defendendo igrejas, pastores e a liberdade religiosa como um todo. Fruto deste trabalho advogamos, através do VR Advogados, para aproximadamente três mil igrejas e entidades paracresiásticas. Também nos dedicamos ao ensino por meio do Direito Religioso. Escrevendo em diversos blogs e sites sobre o tema, além das obras “*Direito Religioso: questões práticas e teóricas*” e “*Direito Religioso: orientações práticas em tempos de Covid-19*”, ambas editadas e lançadas pela Vida Nova. Além de artigos, textos e ensaios, também coordenamos e lecionamos o curso livre de Direito Religioso promovido em parceria com a FULBRA e certificado pela ULBRA, maior universidade luterana do mundo e uma das maiores universidades particulares do Brasil. Ainda, desde de 2018, sou Presidente do Instituto Brasileiro de Direito e Religião – IBDR, que tem como Presidente de Honra o Prof. Dr. Ives Sandra Martins e Presidente do Conselho, o Prof. Rev. Dr. Davi Charles

Gomes. O IBDR tem por objetivo principal promover o estudo e a investigação do Direito Religioso como autônomo, defendendo a verdade por meio da ciência jurídica, da filosofia, das humanidades e dos saberes técnicos e práticos por meio da promoção de um diálogo aberto, honesto e respeitoso entre as respectivas áreas de conhecimento, a fim de avançar no conhecimento integral acerca do homem e sua relação com Deus e, consequentemente, sua vida em sociedade a partir de uma perspectiva cristã. Minha formação é em Direito, com pós em Direito do Estado (UFGRS), Estado Constitucional e Liberdade Religiosa (Mackenzie, com estudos em Oxford e Coimbra), Teologia e Bíblia (ULBRA) e, no momento, estou em fase de



Dr. Thiago R. Vieira, com a Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, no governo Jair Bolsonaro, irmã Damares Alves.

apresentação de Projeto de Pesquisa em Liberdade Religiosa e Cidadania para o Programa de Mestrado da Universidade Mackenzie, em São Paulo.

CASTOLDI - Caro irmão, em seu trabalho na orientação jurídica de igrejas e pastores ao redor do Brasil, você deve ter nutrido uma boa noção, além de teórica, experiencial, a respeito do que tem ocorrido com as comunidades cristãs nesse tempo de pandemia. Com diferenças de uma região para a outra, em geral, as igrejas tiveram que fechar as portas, cessar os cultos ou, no máximo, realizar reuniões com muitas limitações. Em termos jurídicos, que leitura o estimado jurista tem feito da situação? Quais precedentes isso abre?

T. R. VIEIRA - Nessa caminhada em tempos de pandemia, vimos e vivenciamos as mais diversas formas de



A Igreja precisa exercer seu papel de fermento da democracia. É o fermento do Evangelho que torna uma nação próspera e forte.

afrontas à liberdade religiosa, o que nos preocupou de tal forma que gerou o livro “*Direito Religioso: orientações práticas em tempos de Covid-19*”. Essa obra, além de prefácio, introdução e conclusão, possui oito situações traduzidas em perguntas, às quais oferecemos respostas, sempre no sentido de proteção à liberdade religiosa como serva da Dignidade da Pessoa Humana. Ou seja, restrições são possíveis desde que não existam outros meios para alcançar o fim esperado: evitar contágios. O mandatário, em quaisquer das esferas da federação, deve buscar promover a saúde pública da melhor forma possível, restringindo o mínimo possível as liberdades das pessoas, especialmente a de culto. Não foi o que vimos em muitas regiões do Brasil: Porto Alegre, por exemplo, com risco de médio à baixo de Covid-19, com leitos de UTI sobrando, simplesmente proibiu o culto, com direito a afirmações ridículas contra as Igrejas Evangélicas nos canais de comunicação. Fortaleza, com risco alto, também fechou os cultos, sem muita “conversa”; o Estado de Pernambuco até culto *on-line* estava impeditido, fato que denunciamos e revelamos os bastidores de como isto foi revertido pela OAB e outras entidades, como nos contou o Dr. Jonas Moreno em nossa coluna da *Gazeta do Povo – Crônicas de um Estado laico*.

CASTOLDI – Essa questão não entraria no debate maior a respeito da definição de Estado Laico? Essa discussão sempre tem voltado em nosso país, como quando o Presidente Bolsonaro, bem recentemente, convidou as

igrejas a um jejum nacional. Qual, afinal, é a definição correta de Estado Laico?

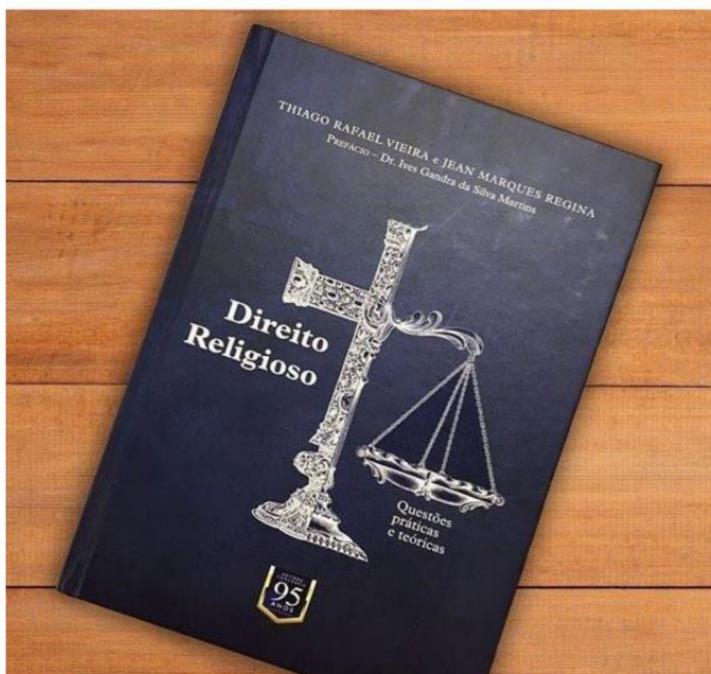
T. R. VIEIRA - O Estado laico brasileiro é colaborativo - o que isto quer dizer? Ele é neutro com relação a qualquer confissão de fé, entretanto, benevolente e colaborativo com o fenômeno religioso, devendo sempre buscar a promoção e a potencialização do exercício de todos os credos em solo brasileiro, na persecução do bem comum, como determina o artigo 19, I da Constituição Brasileira. A questão do jejum, tivemos muita *fakenews* sobre este evento, a partir de uma polarização política exacerbada e prejudicial ao Brasil e à nossa comunidade política. Até onde eu sei, o Presidente da República não convocou ou convidou os brasileiros ao dito jejum, porém, como cristão, apoiou a iniciativa e se somou a ela. Como ele mesmo diz, o Brasil é laico, mas “o Presidente é cristão” e, amparado no Art. 5, VI da Constituição, ele pode manifestar sua crença e a defender. Pode ser, que houve abusos por alguns grupos religiosos na forma da “comunicação” do evento e como se daria participação do mandatário máximo da República. Entretanto, isto compete ao direito canônico interno de cada confissão, no sentido de regulação do que pode ou não pode e sua respectiva cosmovisão.

CASTOLDI – Isso significa que a existência de sentimentos e de fundamentos cristãos nas bases do Estado não é, necessariamente, um ataque ao Estado Laico?

T. R. VIEIRA - Os postulados filosóficos de todo o ocidente estão ancorados na Bíblia Sagrada e nos seus valores. Impedir que os valores morais de certo e errado e os princípios que deles decorrem não permeiem o Estado Constitucional brasileiro é acabar com seus fundamentos e permitir que qualquer *vento minuano* o derrube. Como ensina Christopher Dawson, em *Progresso e Religião*, a alma de uma civilização forte é a religião que deita na cidade suas raízes históricas. Expurgar isto é atacar a raiz e, atacar a raiz, significa ferir de morte a nação em questão. Logo, um ataque ao Estado laico brasileiro ocorre quando atacam a sua formação e os valores e axiomas que o informam.

CASTOLDI – **Estado Laico, então, não é o mesmo que Estado Ateu. Lutar por um Estado sem religião não seria uma forma de atentar contra o Estado Laico?**

T. R. VIEIRA - Estado ateu é uma epifania. A única vez



que tentaram foi na Albânia, resultando, quase, no seu extermínio, como ensinava Dawson. A luta hoje é à la francesa. Para eles, a religião existe e é impossível exterminá-la, todavia, a estratégia é reduzi-la a uma simples convicção íntima que deve ser trancada dentro das casas, longe do espaço de influência e da ação pública da religião, basilar da liberdade religiosa. Liberdade religiosa significa ação pública e influência individual e coletiva nas coisas da *polis*.

CASTOLDI – **Dentro da discussão a respeito da autonomia da Igreja frente ao Estado, muito se tem discutido sobre uma maior cobrança de impostos sobre os templos religiosos. Qual é a sua perspectiva nessa questão?**

T. R. VIEIRA - Não existe maior nem menor, o que existe é a total impossibilidade do Estado fazê-la. O Estado não pode, de forma alguma, cobrar impostos das Igrejas, exatamente porque o Brasil é Laico. A laicidade brasileira colaborativa entroniza a Igreja como cooperadora do Estado, não como sua serva, estando abaixo dele, mas em grau de igualdade. O Estado persegue o bem comum das pessoas na ordem política material e secular, enquanto que a Igreja persegue o bem comum na ordem espiritual. Ambas caminham juntas na construção de uma ordem social melhor e relevante. A cobrança de impostos, que é uma atividade estatal não vinculada, seria a quebra desta harmonia. A imunidade é o muro que protege a Igreja da invasão estatal em sua crença e em suas questões canônicas mais comezinhas do dia a dia.

CASTOLDI – **Em países do Hemisfério Norte, temos visto uma maior ingerência do Estado na vida das igrejas. Inclusive, alguns pastores já foram presos em função da expressão de opiniões politicamente incorretas. Nesse sentido, como está a nossa situação no Brasil? Chegamos, em tempos recentes, a correr o risco de perder algumas liberdades?**

T. R. VIEIRA - Nos Estados Unidos da América, como denunciado por Dooyeweerd em “*Estado e Soberania*”, e muito bem retratado por Alexis de Tocqueville em “*A Democracia na América*”, a democracia se assenta sobre as liberdades individuais. O mais importante é que o indivíduo tenha suas liberdades civis protegidas. O problema decorrente disto é a possibilidade da prática de um individualismo exacerbado que pode resultar em um enfraquecimento das instituições democráticas, especialmente aquelas que precisam de condições gerais de igualdade e participação coletiva para, de fato, acontecerem. O exercício do credo é visto, para os norte-americanos, como consequência da liberdade individual, logo, se individualmente não quero cultuar por este ou aquele motivo, quem quer que se oponha no sentido da necessidade comunitária do exercício da fé, contra o sentimento da maioria, em determinado momento, deve ser combatido, o que Tocqueville chama de tirania da maioria. No Brasil, constitucionalmente, a fé goza de proteção individual, porque a liberdade de crença é de foro íntimo, mas, também, de proteção coletiva, porque a fé do mesmo modo se expressa de forma comunitária e no espaço público, por meio de seus seguidores e de sua influência. O que ocorre no Brasil de hoje, na minha opinião, é uma polarização política maculada por ideologias antagônicas. Ou você é contra a política do governo federal, e, assim restringe todas as liberdades e

pronto, ou você é a favor e “libera geral”. O caminho a ser perseguido, em uma situação excepcional como esta que vivemos, dever ser o da prudência, razoabilidade e adequação. Adequar as medidas de saúde pública de forma razoável e prudente, para restringir o mínimo possível as liberdades individuais e coletivas.

CASTOLDI – Nos anos recentes, onde você acha que a Igreja Brasileira tem falhado mais, no que diz respeito à sua saúde jurídica e institucional? Tem se omitido ou negligenciado questões relevantes? Ou cedeu demais ao Estado?

T. R. VIEIRA - A igreja precisa entender que, além de ser organismo e participar da Igreja invisível, também é organização e, como Igreja visível, deve se equipar e se organizar, especialmente de forma canônica, para exercer seu papel de liderança na ordem espiritual.

CASTOLDI – Mediante as investidas do poder político e jurídico para reduzir a autonomia da Igreja, que meios as comunidades e os pastores dispõem para a defesa da instituição cristã e dos seus membros? Há formas de nos recuperarmos da nossa crise institucional?

T. R. VIEIRA - Zelo pela igreja visível: formação em áreas complementares à teologia por parte dos líderes, como o Direito Religioso. Ocupação dos espaços públicos, no sentido de ser influência e voz profética.

CASTOLDI – Para finalizar, tendo em vista o incansável empenho do irmão em favor da Igreja brasileira dentro da área do Direito Religioso, podemos vislumbrar uma missão para a Igreja em nosso país? Ela pode ajudar o Brasil a entrar nos eixos da normalidade jurídica e política?

T. R. VIEIRA - Como disse, não existem civilizações que não possuem suas raízes na religião. Não é diferente com o Brasil, basta olharmos para o pavilhão nacional e ver nele a cruz da Cruzeiro do Sul. A Igreja precisa exercer seu papel de fermento da democracia. É o fermento do Evangelho que torna uma nação próspera e forte. São os valores evangélicos de amor, perdão, solidariedade e esperança que constroem uma democracia, como muito bem nos ensina Jacques Maritain, em “*O homem e o Estado*”.

CASTOLDI – Te darei um espaço final para comentários que ainda desejar fazer e para divulgar seu trabalho. Sei que publica em sites e páginas, que presta serviços e que lançou alguns livros, e penso que muitos leitores se interessariam em saber como acessar todo esse conteúdo.

T. R. VIEIRA - No auxílio à Igreja brasileira e sua liderança criamos o curso livre de Direito Religioso, em parceria com a FULBRA. O curso é totalmente *on-line*, com vídeo-aulas, material exclusivo e avaliações. São oito disciplinas, distribuídas ao longo de um ano. O curso é certificado pela ULBRA. Em nosso portal direitoreligioso.com.br é possível se matricular para o curso, bem como comprar nossa obra de Direito Religioso. Ainda, o leitor pode nos acompanhar em nossa coluna semanal da Gazeta do Povo, “*Crônicas de um Estado Laico*” e nos diversos blogs que publicamos ensaios e artigos, tais como: *Voltemos ao Evangelho*, *Revista de Teologia Brasileira*, *Gospel Prime*, *Burke Instituto Conservador*, *Tu porém*, *Mensageiro Luterano*, entre outros. Você pode nos seguir também em nossas redes sociais: [@direitoreligiosooficial](#), [@tr_vieira](#), [@jeanregina](#), além do nosso canal no youtube: [youtube.com/direitoreligioso](https://www.youtube.com/direitoreligioso).



Natanael Pedro Castoldi é psicólogo clínico graduado pela Universidade do Vale do Taquari – Univates. Possui formação teológica básica pelo Projeto ATOS, Janz Team Gramado, onde compõe a assembleia da missão do TeachBeyond Brasil. Tem experiência em pesquisa nas áreas de Ensino e Aprendizagem pela Univates, na qual tem atuado como monitor de alunos com necessidades especiais. Serve no ministério de jovens da igreja Comunidade Cristã de Encantado, em Encantado/RS. Casado com Gabrielle.



Será que as pessoas vivem se afastando de você? Será que seu marido tem preferido ficar em qualquer outro lugar que não seja ao seu lado? Será que os irmãos fogem de sua companhia? Será que seus filhos evitam ficar muito tempo com você?

A mulher rixosa

A Bíblia fala sobre um tipo específico de mulher, que merece nossa atenção: *a mulher rixosa*. Como essa não é uma palavra muito comum, temos de entender exatamente o que significa. Segundo o dicionário, “rixosa” é uma pessoa “que promove contenda”. Ou seja, uma mulher briguenta, que causa discórdia ou desavença, que com enorme frequência está de mau humor. Ela é irritadiça, explode por qualquer coisa, descarrega suas tensões e frustrações em cima dos outros, ira-se num piscar de olhos, tem sempre uma boa desculpa para despejar sua cabeça quente e falta de mansidão sobre os demais – eles que aguentem. Ela tem prazer em comprar briga. E, por tudo isso, é intragável. Bem... por que tratar especificamente desse tipo de mulher? Pois, acredite, é um dos tipos sobre os quais a Bíblia mais fala – certamente, não à toa.

Vejamos algumas verdades que as Escrituras expõem sobre a mulher que promove contendas: “*Melhor é morar no canto do eirado do que junto com a mulher rixosa na mesma casa*”. Essa mesma afirmação é tão séria que ocorre em duas passagens: Provérbios 21:9 e 25:24. O que esse versículo está dizendo é que a mulher rixosa é alguém tão insuportável que ninguém consegue conviver debaixo do mesmo teto com ela. Quando chega da rua, em vez de trazer alegria para o lar, traz uma nuvem negra sobre a cabeça e contamina todos ao redor com seu mau humor crônico. É aquela que, quando você dá “bom dia” parece que ela responde “o que há de bom nele?!?”.

A mulher rixosa afasta os outros de si. Ela destrói seu casamento, leva os filhos à ira e sabota a harmonia do lar. Dificilmente ela cede e nunca admite que está

errada. A culpa de tudo é sempre do outro – que, por isso, precisa ouvir umas boas verdades. Desculpar-se? Jamais, pois acredita que pedir perdão é diminuir-se em vez de engrandecer-se. Em suma, a mulher rixosa faz você querer estar em qualquer lugar do mundo, menos perto dela.

A Bíblia avança na descrição desse tipo de mulher: “*Melhor é morar numa terra deserta do que com a mulher rixosa e iracunda*” (Provérbios 21.19). Essa afirmação parece semelhante à anterior, elevada ao quadrado. Uma terra deserta não tem água, é um lugar onde você morre de sede. A comida é escassa, restrita a animais rastejantes e peçonhentos. De dia, o calor é abrasador, queima a alma, tira o ânimo, mata por desidratação. As noites são gélidas e congelam quem anda por ali. Uma terra deserta tem tempestades de areia que tornam a vida de quem está na região um inferno, pois açoitam sua pele, enchem seus orifícios de

contínuo caísses sobre o mesmo ponto de sua cabeça. Uma gota. Duas gotas. Três. Quatro. Vinte. Cem. Mil. Dez mil. E por aí vai. Não parece grande coisa, mas os relatos históricos revelam que essa simples forma de tortura, após dias seguidos de pingos intermináveis, era capaz de levar os torturados simplesmente à loucura. Isso mesmo. Guerreiros fortes e bem treinados, com resistência a grandes dores e sofrimentos, eram quebrados e enlouqueciam devido a um gotejar contínuo. E é a isso que o texto bíblico compara a mulher que vive em contendas. Em outras palavras: a mulher rixosa é capaz de te levar à loucura. Ela tira qualquer um do sério e a convivência com ela torna-se uma tortura insuportável.

A mulher rixosa age, portanto, de modo errado, indigno e vergonhoso. Muitas vezes vemos homens casados definharem depois de conviver por anos com esposas do tipo. Eles perdem o viço, o vigor, a alegria e, muitas



sedimentos, impedem a visão, tornam a caminhada impossível. O deserto é o último lugar do mundo em que você quer morar, porque a qualidade de vida ali é a pior que há. No entanto, a Bíblia diz que é melhor morar nesse local insuportável do que com uma mulher iracunda e rixosa. É... a coisa é grave.

Mas, não para por aí. A sabedoria bíblica afirma: “*O gotejar contínuo no dia de grande chuva e a mulher rixosa são semelhantes*”, (Provérbios 27.15). Os antigos chineses tinham um método conhecido de tortura, simples e eficaz. Quando capturavam um inimigo, o amarravam de modo que ficasse imóvel. Em seguida, punham uma fonte qualquer de água sobre a cabeça daquele pobre coitado, para que um gotejar

vezes, a saúde. É fácil entender a razão: “*A mulher virtuosa é a coroa do seu marido, mas a que procede vergonhosamente é como podridão nos seus ossos*”, (Provérbios 12.4). Pela medicina, apodrecimento ósseo ocorre em algumas poucas circunstâncias. Uma é uma condição chamada osteonecrose, uma consequência da má circulação sanguínea dentro do osso, que causa a morte de células e tem como resultado o apodrecimento do osso e, consequentemente, fraturas e dor no local. A única solução para a osteonecrose é remover o osso e substituí-lo por uma prótese. A outra situação que faz o osso apodrecer? A morte. Deu para entender a que a Bíblia compara esse tipo de mulher?

A mulher rixosa vive de modo oposto ao que o Evangelho propõe. Ela precisa urgentemente de uma mudança de vida. Não acredito que uma mulher rixosa tenha intimidade com Deus. Simplesmente porque a natureza de um cristão autêntico exclui totalmente o prazer por promover a contenda. Paulo admoesta que devemos fazer tudo “sem murmurações nem contendidas” (Filipenses 2.14), logo, viver estimulando a rixa contraria a vontade divina.

Provérbios 10.12 diz que “o ódio excita contendidas, mas o amor cobre todas as transgressões”. Vemos, então, que a rixa é fruto do ódio e, por sua vez, o ódio é contrário à natureza de Cristo, como deixam claro algumas passagens das Escrituras: “Aquele que diz estar na luz e odeia a seu irmão, até agora, está nas trevas” (1 João 2.9); “Todo aquele que odeia a seu irmão é assassino; ora, vós sabeis que todo assassino não tem a vida eterna permanente em si” (1 João 3.15). Por outro lado, o amor é a essência de Deus: “Deus é amor, e aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus, nele” (1 João 4.16).

Uma mulher rixosa, ou seja, que promove contendidas, faz exatamente o contrário do que a Bíblia estipula como o comportamento ideal de uma mulher de Deus. Paulo condena as contendidas em passagens como 2 Timóteo 2.23, Romanos 13.13 e Tito 3.9. Em 1 Coríntios 3.3, o apóstolo de Cristo associa diretamente as rixas à carnalidade: “Porquanto, havendo entre vós ciúmes e contendidas, não é assim que sois carnais e andais segundo o homem?”. Isso é totalmente corroborado por Tiago, quando o irmão de Jesus diz: “De onde procedem guerras e contendidas que há entre vós? De onde, senão dos prazeres que militam na vossa carne?” (Tiago 4.1). Mais claro, impossível: ser ríxoso é ser carnal – logo, é viver distante de Deus.

Meu objetivo, ao chamar sua atenção para a deformação espiritual que é ser uma mulher rixosa, é despertá-la para uma reflexão. Pense sobre a sua vida. Será que as pessoas vivem se afastando de você? Será que seu marido tem preferido ficar em qualquer outro lugar que não seja ao seu lado? Será que os irmãos fogem de sua companhia? Será que seus filhos evitam ficar muito tempo com você? Se a resposta a alguma dessas perguntas foi “sim”, não necessariamente significa que

você é rixosa, pode haver outras explicações. Mas... pode ser que sim. Talvez, as suas atitudes e o seu temperamento precisem ser reavaliados, o que é algo excelente: “Honroso é para o homem o desviar-se de contendidas, mas todo insensato se mete em rixas”, (Provérbios 20.3).

A boa notícia é que isso tem jeito. Se você perceber que tem vivido a insensatez do mau humor constante, saiba que rabugice tem cura. Um espírito belicoso tem cura. Uma alma amarga tem cura. E a cura tem nome: Jesus de Nazaré.

Jesus é o Príncipe da Paz. Ele é o manso Cordeiro. Ele é o Senhor dos exércitos que foi humilhado sem revidar. “Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma” (Mateus 11.29). Aproxime-se de Cristo. Procure crescer em intimidade com Ele. Busque-o na oração e no estudo de Sua Palavra. Viva uma vida com Deus. Negue-se a si mesmo e siga-o. Aprenda a pedir perdão, isso não diminui ninguém – muito pelo contrário. Reconheça seus erros, pois só almas grandiosas são capazes disso. Fale palavras de edificação e afirmação e não de diminuição e destruição. Aprenda a dar o braço a torcer. Ceda. Prefira os outros em honra. Sorria. Ame.

Se Cristo fizer morada no seu coração, os seus pensamentos se tornarão os pensamentos de Jesus, a sua mente será renovada e você se tornará uma mulher exemplar, como a de Provérbios 31.10-31: amada por todos, elogiada e que deixa um rastro de alegria e vida por onde passa.

Ah, sim: se você é um homem ríxoso, não pense que está em melhor situação. Tudo o que leu neste post se aplica a você também.



Cristão.

Maurício Zágari é bacharel em Teologia, pela FTSA - Faculdade Teológica Sul Americana. Estudou na PUC-RJ e é pós-graduado em Comunicação Empresarial, pela Faculdade UNIBF. Frequentou Colégio de São Bento. Editora Mundo

CRISTIANISMO E UNIVERSIDADE

Como chegamos até aqui?

Recentemente, vi uma publicação no *Twitter* onde pessoas caçoavam de um cidadão que, embora cheio de entusiasmo, em vão tentou demonstrar uma fonte digna sobre o que cristãos pensam sobre a ciência. Essa fonte tinha por nome “Cristãos na Ciência” - uma associação brasileira que possui como seu principal mote promover o diálogo entre o universo da fé e o universo da ciência, como eles descrevem a si mesmos.

Você consegue imaginar qual seria o motivo de tal chacota? Não? O motivo de tanta risada e escárnio foi justamente este: o nome - “Cristãos na Ciência”. Para eles, era inconcebível e até mesmo irracional que, de alguma forma, as palavras cristãos e ciência estivessem na mesma sentença. Agora, a pergunta que fica é: de onde vem isso? Quando foi que isso se tornou consenso?

Bom, para explicarmos toda a transição filosófica e cultural, gastaríamos tempo e cansaríamos o leitor. Mas, partindo para uma explicação sucinta, houve um tempo, chamado de *era medieval* (do século IV ao século XIV), onde os estudiosos viam em Deus a explicação para tudo que havia no universo, desde a sua origem até

à forma como o universo é mantido dia após dia. Teólogos da época entendiam que isso era a providência divina (*Hebreus 1:3*). A *era medieval* teve início relativamente pouco antes da Reforma Protestante, iniciada por Martinho Lutero - movimento que deu origem à igreja evangélica, que existe até hoje. Este acontecimento, que deu origem à *era moderna* e nos deu os valores que tanto estimamos enquanto sociedade hoje, e que muitas vezes são usados contra nós cristãos. Valores estes reconhecidos até mesmo por filósofos não-cristãos, como Jürgen Habermas expressou em seu livro *Era das transições*:

“Os ideais de liberdade [...] da consciência, de direitos humanos e da democracia [são] um legado direto da ética judaica de justiça e da ética cristã de amor. [...] Até hoje não existe alternativa para isso”.

Dentre destes efeitos, que resultaram em valores [e estes princípios foram enfatizados e ampliados com a Reforma Protestante], houve um que teve desdobramentos que explicam a reação da maioria dos cépticos modernos quando se trata da tensão relatada no início deste texto, entre cristianismo e ciência. A Reforma Protestante acabou ajudando a formar e



fomentar, de forma involuntária, o movimento conhecido como *Iluminismo* – um movimento onde a soberania do indivíduo passou a ser celebrada e dentro dessa ideia está implícita a autonomia da razão: o homem, agora, se descola de uma visão mais teocêntrica de obtenção de conhecimento, visão esta que, outrora, era revelacional, ou seja, partia da revelação divina. Agora, o homem passa a crer que a razão e a utilização dela se dá através do empirismo, entendimento de que o conhecimento vem primariamente das sensações, base para o método científico.

Tais mudanças de paradigma serviram como catalizador para os avanços nunca antes vistos na humanidade, principalmente avanços tecnológicos e científicos. Com isso, a sociedade se tornou cada vez mais secular, abandonando os preceitos divinos e confiando cada vez mais em sua própria capacidade cognitiva, chegando assim aos dias de hoje, em que o homem tem a ciência e a fé como diametralmente opostas.

O ponto é: seria essa visão secular de hoje correspondente à realidade? Ela é, de alguma forma, justa? Pois, eu diria que não é de todo.

Primeiro, devemos levar em conta o que diz a Escritura ao homem. Em Romanos 1:18, as Escrituras deixam bem claro que o homem possui o conhecimento inato em si. Trocando em miúdos, o que isso quer dizer é que, ironicamente, Deus não “acredita” em ateus. Paulo, nesta passagem, explica que as pessoas sabem que Deus existe, porém, suprimem a Verdade em favor da injustiça ou mentira. Empurram para longe si qualquer eco da voz de Deus no universo, porque “*tanto seu eterno poder quanto a sua divindade, claramente se reconhecem*”.

Tendo isso como premissa, é óbvio que o homem criaria para si um meio de declarar que possui algo que desabona a crença na existência de Deus - eis aqui, nomeadamente, a ciência. A *teoria da evolução*, por exemplo, é um claro exemplo do que me refiro - não importa o quão provável ela pareça, continua sendo a

melhor chance epistemológica que o homem tem para escapar de Deus.

Assim é o homem natural, fugindo do seu Criador, criando meios sofisticados para negá-lo, pois ama mais as trevas do que a luz (João 3:19-20).

Em segundo lugar, creio que a visão de que ciência e fé cristã são incompatíveis é um absurdo, porque, primeiramente, a ciência toma como certo a uniformidade da natureza. Nesse sentido, para que a ciência seja possível, temos que ter por garantido que o futuro será como o passado, caso contrário, qualquer experimento empírico não tem qualquer validade, isto é, sem a continuidade das características dos elementos do universo, a experimentação científica seria impossível.

Para solucionar esse problema, apresentamos Deus como a pré-condição necessária para tornar a ciência inteligível, de maneira que, por fim, concluímos que os antigos pensadores medievais estavam certos. A providência divina garante a uniformidade da natureza, tornando, assim, a ciência possível.

Jesus é o Senhor do universo. Portanto, nós poderemos fazer testes nas áreas nas quais sabemos que as leis da física de hoje serão as mesmas amanhã.

O cristão, quando entra na universidade, deve ter mente que ele está perfeitamente em terreno amigo. Na verdade, esse terreno lhe pertence, pois ele crê naquele que sustenta o universo e foi o Criador deste “terreno” e de todas as demais coisas. Sua fé não entra em contradição com a ciência, pelo contrário a torna compreensível, bela e espantosa.



Flávio Borges é formando em Engenharia Civil, membro da Segunda Igreja Batista de Goiânia, professor de Escola Bíblica Dominical.

O CRISTIANISMO PRECISA SER LÓGICO?

A Lógica é vital para a disciplina da Interpretação Bíblica, sem a qual não pode haver desenvolvimento teológico saudável.



Trataremos de um assunto que demandará uma reflexão mais calma e delicada. Qual é o relacionamento entre a Lógica e o Cristianismo? Alguns cristãos professos (por vezes, bem-intencionados) ocasionalmente argumentam, lançando mão de dogmas da fé cristã, como a Trindade ou a Encarnação, que o Cristianismo não está “preso” às leis da lógica. Essas leis seriam, dizem eles, meros ensinos humanos originados de uma vã filosofia que jamais deveria ser aplicada como limitadora das doutrinas bíblicas. Essa tendência é o que teólogos, como o exegeta John Stott [1], no Capítulo 1 de uma de suas obras, enumeram como nociva ao cristianismo: o Irracionalismo.

Saberemos, pois, se a Lógica (e suas leis) é ou não inadequada à Teologia cristã examinando-a. Que é, portanto, a lógica? O professor e filósofo cristão, Álvaro

Calderon, assim a define:

“Lógica vem do grego, λόγος, e significa razão; é falar, aquilo que justamente distingue o homem dos demais animais quanto ao modo de conhecer. Por isso, chama-se lógica a arte de pensar de tal maneira que se alcance a verdadeira ciência das coisas, e não um conhecimento qualquer. Todos os homens, por natureza, aprendem a pensar quando alcançam a idade da razão; entretanto, nem todos aprendem a pensar bem” [2].

Em outras palavras: a lógica é o método pelo qual podemos pensar corretamente, isto é, alcançar a verdadeira ciência das coisas. Deste modo, é então “tarefa importantíssima da Lógica ensinar as regras para se chegar a uma boa definição” [3].

Deus é a Verdade (cf. João 14:6). Se Deus é a Verdade, Deus, sem dúvida, é lógico. Deus não mente, não erra e tampouco se contradiz. Desta feita, a Natureza divina certamente é – além de justa, sábia, onipotente, etc. – lógica. Assim, as regras para que alguém pense de modo que possa alcançar o verdadeiro conhecimento não poderiam estar fundamentadas em outro Ser que não o próprio Deus. Não é à toa que Deus é chamado de *λόγος* (logos) pelo escritor bíblico. Como o filósofo presbiteriano, Gordon Clark, bem pontua:

"O bem conhecido prólogo do evangelho de João pode ser assim parafraseado: "No princípio era a Lógica, e a Lógica estava com Deus, e a Lógica era Deus [...] na Lógica estava a vida e a vida era a luz dos homens". Esta paráphrase, de fato, esta tradução, pode não apenas soar de forma estranha aos ouvidos de devotos, mas também de maneira atrevida e ofensiva. Mas o choque traduz apenas a distância que tal pessoa devota guarda da linguagem e do pensamento do grego do Novo Testamento. Qualquer tradução de João 1:1 que obscureça esta ênfase sobre a mente ou a razão é uma má tradução" [4].

Tendo em vista tal arrazoado, poderia alguém duvidar que o Cristianismo não apenas deve ser, como também de fato é, lógico?

Conquanto resguarde duras críticas à Gnosiologia de Aristóteles e seja de orientação platônica, Gordon Clark é claríssimo ao pontuar:

"O Salmo 31:5 refere-se a Deus como "SENHOR, Deus da verdade". João 17:3 diz: "E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro". 1 João 5:6 diz: "e o Espírito é a verdade". Versículos como esses indicam que Deus é racional, um ser pensante, cujos pensamentos demonstram a estrutura da lógica aristotélica" [5].

Até mesmo exímios logicistas, como Clark, apesar de criticarem o filósofo estagirita e discípulo de Platão em outras áreas, reconhecem também os méritos de Aristóteles quanto à sistematização da arte da Lógica.

É mister sinalar que, embora classificadas como aristotélicas, as leis da lógica **não foram inventadas**, mas **clarificadas** por Aristóteles (385-325 a.C.), tal como as leis da física **não foram inventadas** por Newton, mas tão somente descobertas e sistematizadas pelo físico.

São elas:

- 1) Lei da não-contradição,
- 2) Lei da identidade,
- 3) Lei do terceiro excluído.

O estudante de economia, Renan Leonardi, resume com precisão as leis da lógica:

"A lei da não-contradição estabelece que uma mesma coisa não pode ser ao mesmo tempo [e sob o mesmo sentido] ela mesma e sua negação, aquilo que não é ela, o que também implica que uma proposição não pode ser ao mesmo tempo verdadeira e falsa. [...]

A lei da identidade afirma que cada coisa é igual a si mesma, o clássico A=A. [...]

E a lei do terceiro excluído estabelece que não existe terceira opção além de ser algo, ou a negação deste algo, e, consequentemente, que uma proposição só pode ser verdadeira ou falsa, não há terceira opção" [6].



**Quando alguém (Deus incluso)
nos diz algo – seja por sons ou
escrita –, é patente que nos
deseja comunicar determinada
informação.**

“

Não é o propósito deste excerto esgotar o que pode ser dito a respeito dessas leis e suas implicações. Sem embargo, no entanto, é imprescindível que não se deixe de dar “duas palavrinhas” (a fim de cumprir o propósito de escrita do artigo) sobre as mesmas. No que se refere à primeira lei mencionada, pontua o Dr. R. C. Sproul:

“Já observamos a importância primária e fundacional da lei da não-contradição. Visto que essa lei é uma lei de dedução, e a dedução é integral ao método científico, podemos dizer que a lei da não-contradição é uma lei da ciência. Ela é certamente uma lei da ciência no sentido mais amplo de ciência. Isto é, ela é uma lei de conhecimento, pois onde a lei é violada, nenhum conhecimento ou discurso inteligível é possível” [7] (grifo nosso).

Já sobre as outras duas leis mencionadas, estas são chamadas pelo teólogo reformado de “leis da inferência imediata”. Uma

“lei da inferência estabelece o parâmetro para as deduções legítimas feitas a partir dos dados. [...] A ‘lógica dos fatos’ que os pensadores do Iluminismo buscavam não pode ser encontrada se as leis da inferência imediata forem violadas” [8].

Detenhamo-nos à Lei da não-contradição. Uma das implicações desta lei é que duas proposições contraditórias entre si não podem ser ambas simultaneamente verdadeiras. Exemplo: “a água está quente” e “a água está fria” se contradizem, de modo que apenas uma delas pode ser verdadeira naquele instante em particular. Ou a água em questão está fria, ou está quente. Já sob o prisma da Lei da identidade, a proposição “a água está quente” deve significar “a água está quente”, e não “o gato tomou banho”. Na ausência destas Leis, qualquer discurso (seja oral ou escrito) seria de impossível compreensão, considerando o fato de que jamais poderíamos compreender precisa e coerentemente o que outras pessoas pretendem dizer. É por esse motivo que Relativistas odeiam as Leis da lógica do sistema aristotélico — estas cerceiam a relatividade no campo da semântica e da interpretação textual.

No que tange à questão da interpretação das Escrituras (sem a qual a Teologia Sagrada é ilusória), a Confissão de Fé de Westminster (1643), uma das maiores senão a maior das confissões protestantes, nos fala de um “verdadeiro e pleno sentido” dos versos bíblicos, e acrescenta que este “sentido [...] não é múltiplo, mas único” [9] (CFW 1:IX). O que este belíssimo documento reformado propõe em matéria de exegese

não é nada senão a aplicação das leis da Lógica aristotélica na compreensão bíblica. Um texto não possui diversos sentidos literais, mas um único significado verdadeiro e pleno. Se as Escrituras dizem “*Cristo morreu por nossos pecados*” (1 Coríntios 15:2), isto não pode significar “*Cristo não morreu por nossos pecados*” (violando a Lei da não contradição) ou “**Maria** morreu pelos nossos pecados” (violando a Lei da identidade).

Isto ocorre em razão de que, quando alguém (Deus incluso) nos diz algo — seja por sons ou escrita —, é patente que nos deseja comunicar determinada informação. Se, como disse Sproul, as leis da não-contradição, identidade e terceiro excluído, são condições da inteligibilidade das proposições, a circunstância presente em que Deus decidiu comunicar-se verbalmente presume a Lógica. Como Clark bem pontuou:

“O fato de que uma palavra deve significar uma coisa, e não o seu contrário, é a evidência da lei da contradição em toda a linguagem racional” [10].

Desta feita, as leis da Lógica são intrínsecas à natureza da Revelação (verbal) divina, de modo que este presbiteriano chega a falar, inclusive, de uma “exposição da lógica embutida nas Escrituras” [11].

Os especialistas em exegese, Gordon Fee e Douglas Stuart, ensinam em seu manual sobre o assunto que o “alvo de toda boa interpretação é simples: chegar ao significado claro do texto” [12]. Sendo, repita-se, as leis já mencionadas indispensáveis para a Inteligibilidade de qualquer expressão verbal (escrita ou oral), prova-se que a Lógica é vital para a disciplina da Interpretação Bíblica, sem a qual não pode haver desenvolvimento teológico sadio. A abolição das leis da Lógica tem como resultado a abertura das portas da doutrina cristã ao absurdo e incongruente, o que é inadmissível para uma Religião que tem como Senhor um Deus verdadeiro que “não pode negar-se a si mesmo” (2 Timóteo 2:13). Sem estas leis, cada interprete das Sagradas Escrituras poderia torcer o sentido do texto bíblico segundo o seu próprio capricho, o que é blasfêmia. Diria o grande reformador, João Calvino, na introdução de seu Comentário à Epístola aos Romanos:

“É uma audácia próxima do sacrilégio usar as Escrituras ao nosso bel-prazer e jogá-las como uma bola de tênis, o que muitos já fizeram. [...] A primeira tarefa do intérprete é deixar o autor dizer o que ele diz, ao invés de atribuir-lhe o que achamos que deveria dizer” [13].

Não há autêntica interpretação bíblica sem lógica, e, sem legítima interpretação bíblica, não há Cristianismo.



Jadson Targino da Silva Júnior, 20 anos, é membro da Igreja Presbiteriana do Brasil, em Cruz das Armas, João Pessoa/PB. Seminarista pelo CETAD/PB, é graduando em Ciências da Religião pela UFPB.

NOTAS:

[1] Cf. STOTT, John. *Crer é também pensar*. 1 ed. SÃO PAULO: ABU, 2012.

[2] CALDERÓN, Álvaro. *Lógica: Introducción*. p. 8. [Tradução minha].

[3] Ibid, p. 7.

[4] CLARK, Gordon. *Deus e a Lógica*. p. 3. Disponível em: < http://www.monergismo.com/textos/filosofia/deus-logica_clark.pdf>; Acesso em 05 de Junho de 2020.

[5] Ibid, p. 1.

[6] *INTRODUÇÃO A LÓGICA FORMAL*. Disponível em: <<https://www.universidadelibertaria.com.br/introducao-a-logica-formal/#:~:text=As%20Leis%20da%20L%C3%B3gica,a%20lei%20do%20terceiro%20exclu%C3%ADdo.>>; Acesso em 06 de Junho de 2020. [Acréscimo meu em colchetes].

[7] SPROUL, RC. *Leis da lógica*. p. 1. Disponível em: < http://www.monergismo.com/textos/filosofia/leis-logica_sproul.pdf>; Acesso em 06 de Junho de 2020.

[8] Ibid.

[9] *CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER*. Disponível em: < <http://www.monergismo.com/textos/credos/cfw.htm>>; Acesso em 06 de Junho de 2020.

[10] CLARK, Gordon. *God's Hammer*. 1982. p, 2-3.

[11] Ibid.

[12] FEE, Gordon; STUART, Douglas. *Entendes o que lês?*. 3 ed. São Paulo: Vida Nova. 2011, p. 24.

[13] Cf. CALVINO, João. *Romanos* / Tradução: Valter Graciano Martins. 1 ed. São Paulo: Editora fiel. 2013, p. 29-30.

SIC MUNDUS CREATUS EST

CRIAÇÃO EVOLUCIONÁRIA

A paz, meus queridos! Tudo bem?

Estamos caminhando agora para a terceira parte da nossa sequência, **SIC MUNDUS CREATUS EST**. E, dessa vez, vamos caminhar talvez pelo tema mais polêmico, entre os teólogos mais convencionais e tradicionais, e menos científicos, no geral. Não que isso seja um padrão a ser seguido, ou que qualquer teólogo liberal adote essa visão, ou que todo cientista cristão a apoie, mas, via de regra, quando o teólogo possui certa aversão à ciência, costuma ter certa repulsa acerca dessa visão. Vamos entender o porquê disso neste e no próximo artigo.

Há uma linha muito tênue, entre a heresia e o liberalismo de um lado, e o real estudo bíblico, de outro, presente nessa linha de pensamento, principalmente no que se trata da criação do homem, que não iremos tratar nesse artigo, talvez em um futuro. Se na linha da terra antiga, já tivemos grande carga científica e teológica, essa terá ainda mais, afinal, grande parte da comunidade científica adepta ao cristianismo, que está presente dentro da comunidade científica, como o doutor Francis Collins, fundador do programa BioLogos, grupo de estudos científicos e teológicos (um órgão semelhante ao ABC², no Brasil) que também é líder do projeto Genoma Humano e dos institutos nacionais de saúde, nos Estados Unidos, é adepto dessa teoria, e sem dúvida, um dos maiores biólogos do mundo. Seus livros sobre a importância do estudo de DNA na saúde e seus

livros sobre fé e ciência, falam por si só, além de seus inúmeros títulos.

O “moto” dessa teoria pode ser tido como: “**A Evolução é real, e a Bíblia é verdadeira**”. Talvez, isso tenha te deixado perplexo, mas isso é natural. Foi realizado um estudo com evangélicos, em suas comunidades, nos EUA, através do qual constatou-se que, em todas as comunidades evangélicas (hispânica, negra, branca, etc), a adesão é menor que 50% quando o assunto é a evolução dos seres vivos. Antes da taxação como racistas ou xenófobos, as comunidades de cristãos americanos, são muito centradas e fechadas em sua cultura, tentando manter o produto de anos de cultura religiosa dentro de suas comunidades. No país em questão, uma igreja batista composta por irmãos na fé majoritariamente negros, vai ser completamente diferente de uma comunidade composta majoritariamente de irmãos latinos, mesmo que sejam vizinhos, isso se dá pelos seus hábitos, cultura, história. É necessário, portanto, ter um conhecimento mais profundo sobre os fundamentos do país e origem das comunidades americanas para compreender a questão, o que não é o meu objetivo, no momento, pois não pretendo gastar mais linhas tratando de antropologia.

A *Criação evolucionária* surgiu para tornar os cristãos aptos a poderem viver no mundo científico e transformá-lo totalmente, e para eliminar os conflitos internos, que na realidade, são forçados por nossa

cultura. Antes mesmo da teoria estar elaborada, a ideia de uma evolução real já era defendida por teólogos como B.B. Warfield, sendo uma possível e provável explicação do desenvolvimento natural sobre o governo de Deus. C.S. Lewis, certa vez escreveu:

"Devemos distinguir claramente entre a evolução como um teorema biológico e o popular evolucionismo ou desenvolvimento, que é certamente um mito... Para o biólogo, a evolução... dá mais conta dos fatos do que qualquer outra hipótese presente no mercado, e, portanto, deve ser aceita."

Billy Graham, grande evangelista falecido atualmente, também não duvidava da eficiência da evolução, bem como da soberania de Deus. Para Graham, não fazia diferença nenhuma Deus ter “evoluído o homem e depois o ter feito alma viva, Ele continuaria sendo nosso Criador”. Essa é uma frase perigosa e polêmica, como grande parte desse artigo. Tim Keller disse certa vez que “a suposta incompatibilidade da fé ortodoxa com a evolução começa a desaparecer sob uma reflexão mais sustentada”.

Trazer opiniões de terceiros não reforça o impacto da teoria, mas sim a sua aplicação. Apelar para uma autoridade ou um nome, é o princípio da perda de razão. Mas, dessa vez era necessário, para retirar o mito de que nenhum teólogo ou cristão de verdade conhece ou apoia a visão criacionista evolucionária.

Uma perspectiva interessante da teoria, é a abordagem que considera o mundo natural como um “segundo livro de revelação” de Deus. Isso se baseia na própria Confissão Belga, no artigo 2:



“Nós o conhecemos por dois meios. Primeiro: pela criação, manutenção e governo do mundo inteiro, visto que o mundo, perante nossos olhos, é como um livro formoso, em que todas as criaturas, grandes e pequenas, servem de letras que nos fazem contemplar “os atributos invisíveis de Deus”, isto é, “o seu eterno poder e a sua divindade”, como diz o apóstolo Paulo (Romanos 1:20). Todos estes atributos são suficientes para convencer os homens e torná-los indesculpáveis. Segundo: Deus se fez conhecer, ainda mais clara e plenamente, por sua sagrada e divina Palavra, isto é, tanto quanto nos é necessário nesta vida, para sua glória e para a salvação dos que Lhe pertencem. (Salmos 19:1-4; Salmos 19:7,8; 1 Coríntios 1:18-21).”

Uma vez como meio secundário, e interpretativo, não é definitivo. Quando o livro natural entra em confronto com as Santas Escrituras, fiquemos com elas. Mas a questão é: Deus revela sua autoridade e direção tanto na natureza subjugada, mesmo nos seus ímpetos de violência e aparente crueldade, Deus está nela, e está ainda mais presente nas Escrituras. (Para mais detalhes sobre uma orientação interpretativa e linguagem figurada, aconselho lerem o segundo artigo, sobre a teoria da Terra Antiga).

Vale lembrar que o objetivo de Gênesis é demonstrar o motivo pelo qual o mundo foi criado, e não seus protocolos e funcionamentos. Vemos que Salmos 93:1 diz que a terra é fixa por uma fundação, ao invés de se mover no espaço, como uma luminária estática. Além dessa visão em Salmos, na comunidade do crescente fértil, nas culturas antigas do Oriente Próximo, como Egito e Babilônia, as civilizações não criam na questão da Terra se movendo pelo espaço, ou até mesmo que ela é esférica. Acreditava-se na terra plana (vemos aqui que alguns cristãos são mais babilônicos do que parecem, não é mesmo?), com os céus por cima, e águas abaixo da terra. Acreditava-se que o céu era uma cúpula sólida, com um oceano de água acima dele, que poderia abrir suas comportas, resultando na chuva. Vemos aqui o fundamento de “comportas do céu”, mencionadas no Salmo 78 e em Gênesis 7. Quando vemos, em Gênesis 1:6-8, que Deus criou uma abóbada ou firmamento para separar as águas, vemos o prevalecimento do pensamento egípcio e babilônico. Com o tempo, os próprios judeus abandonaram essa visão e começaram a crer que a chuva era trazida pelas nuvens, como vemos em Isaías 55:10. Com isso em mente, temos algumas hipóteses sobre Gênesis:

- Deus mentiu ao falar das abóbadas;
- Deus mentiu ao usar o profeta Isaías nessa menção;
- Deus alterou completamente a ordem do universo em menos de 6 mil anos;
- Ou, Deus não se importou de mudar o conceito científico do homem, e sim, deixar claro Seus planos e objetivos. O foco é “para quê?”, e não “por quê?”.

A última opção parece mais válida para mim. João Calvino menciona, em suas *Institutas*, que Deus se acomoda às nossas humildes capacidades, falando até em forma de uma conversa de bebê para que possamos entender. O que precisamos entender? Sua Graça e amor indivisível.

O cientista utiliza seu conhecimento para glorificar a Deus, assim como o músico, com suas melodias, o arquiteto gótico e barroco com suas construções, bem como o poeta, com sua escrita, ou o ator, com sua dramaturgia. A lista de cristãos cientistas, mesmo depois da evolução, continua sendo extremamente significativa. Galileu, Kepler, Boyle, eram cristãos e enxergaram seu trabalho como um chamado cristão. Michael Faraday (eletricidade, 1791-1867), Gregor Mendel, que foi inclusive monge (Genética, 1822-1884), George Lemaitre (cosmologia, 1894-1966), William Phillips (Nobel em física, 1997), Robert Boyle (química, 1627-1691) Isaac Newton (Física, mesmo sendo um alquimista, também se denominava cristão e passou por inúmeros debates, 1643-1727). Esses homens acreditavam que descrever a natureza era também engrandecer a Deus, e é esse o ideal que a criação evolucionária tenta passar à frente: a obrigação do cristão com a ciência.

Você pode estar pensando que uma teoria como essa deixa o cristianismo frio e sem milagres, pois interpreta tudo científicamente. Na realidade não, mesmo interpretando e conhecendo as leis e teorias da natureza, não há a negativa de milagre, até porque, se não fosse nosso Designer e Criador (vamos tratar disso no nosso quarto artigo), nada seria possível, devido a tendência finita e autodestrutiva da entropia do universo (que tratamos no artigo anterior). Além disso, milagres existem, e são reais: Cristo reviveu isso, é um fato, a multiplicação de pães e peixes ocorreu, pessoas foram (e algumas ainda são) curadas. Demônios existem e se manifestam. Não há como negar o sobrenatural.

Até a próxima edição, quando publicaremos a segunda parte desse artigo!



Sthaner Mendes de Sousa, 26 anos, é membro da Primeira Igreja Presbiteriana de Barretos-SP, licenciado em Ciências Biológicas, pelo IFSP – campus Barretos-SP.

CURSO ONLINE
**DISCIPULADO
PARA UM
EVANGELHO
INEGOCIÁVEL**

Com
Rev.
Marco Cicco



EVANGELHO INEGOCIÁVEL

O Curso on-line Discipulado para um Evangelho Inegociável tem como objetivo dar um norte para os primeiros passos de irmãos que estão chegando em suas igrejas e na fé cristã.

A ideia é ensinar de forma didática as doutrinas básicas. O curso não esgota todos os assuntos da fé cristã mas direciona o novo cristão a uma fé com sentido, direção e consciência.

Desde 2014, em nosso blog temos respondido a perguntas básicas da fé cristã. Fato esse que levou nosso blog a ter mais de dois milhões de acessos, e hoje, com mais de 600 artigos disponíveis.

Desta vez, faremos grande parte do conteúdo em vídeo-aulas. Revisitamos e atualizamos o conteúdo, e gravamos 8 aulas que ficarão disponíveis no *Youtube*, com acesso *full* 100% gratuito.

Ao término do curso, enviaremos também uma apostila digital, para que todos os comentários dos vídeos sejam analisados e com todas as referências bíblicas. Evidentemente, o material será gratuito também.

Todo o trabalho do **Evangelho Inegociável** é feito pelos voluntários que nos ajudam, uma vez que não temos fins lucrativos. Com os recursos que conseguimos e possuímos e com as limitações que temos, fizemos o melhor possível.

Essas 8 aulas são resultado de anos recebendo perguntas e esclarecendo dúvidas de cristãos ao redor do mundo. O *Blog do Evangelho* já foi acessado de mais de 40 países, então, constatei que são dúvidas comuns em diversas culturas e realidades.

O Rev. Marco Cicco ministra as aulas em vídeo.



Pensando também naqueles irmãos que não sabem ler, ou que não têm condições financeiras para comprar livros, pagar por cursos teológicos, etc, decidimos então que vídeos gravados podem ter um alcance maior.

O Ministério Evangelho Inegociável foi criado para isso: para pregar o Evangelho, servir, orientar e acolher. Desta forma, entendemos que esta empreitada é mais uma etapa no ministério.

Esperamos e oramos que todo o material disponibilizado seja útil na edificação dos irmãos queridos.

Deus os abençoe!

Rev. Marco Cicco

NOSSA HISTÓRIA

O Projeto *Evangelho Inegociável* nasceu da necessidade de disponibilizar conteúdo apologético no ambiente virtual, o que ocorreu inicialmente no *Facebook*. Com o alcance e com a exposição que a página alcançou, entendemos que havia a necessidade de um passo mais sólido, em outras mídias e em um site.

Idealizado pelo Pr. Marco Cicco, o projeto tomou forma definitiva com a ajuda de amigos que também administraram a página e demais redes sociais, e que foram essenciais para o alcance e desenvolvimento do projeto. Parceiros, amigos, irmãos em Cristo que até hoje, somam esforços para que o Evangelho de Cristo continue alcançando vida.

QUEM SOMOS?

Somos um grupo de cristãos que entenderam que foram chamados para a propagação do Evangelho de Cristo. E que, neste contexto, está inserido o ambiente virtual, não como um fim em si mesmo, mas como parte do todo.

Entendemos a relevância do trabalho no ambiente virtual, mas o serviço cristão no qual todos somos envolvidos vai muito além dos limites da virtualidade.

Não sabemos de tudo. Convivemos com esta consciência e buscamos, em oração, dedicação e estudo, mutuamente, o crescimento espiritual e intelectual, que é subordinado ao Evangelho de Cristo contido nas Sagradas Escrituras.

O objetivo do grupo é claro:



Propagar o Evangelho de Cristo. E, isto significa ter posicionamento bíblico e firme face às Heresias que inundam o nosso cotidiano. Criticamos o erro não apenas por não concordarmos bíblicamente com o mesmo, mas com o objetivo de trazer um verdadeiro entendimento do que é o Evangelho. Cremos que a melhor resposta que podemos dar diante das heresias que são amplamente divulgadas por falsos pastores é justamente a pregação do Evangelho de Cristo e da Sã Doutrina.

"E até importa que haja entre vós heresias, para que os que são sinceros se manifestem entre vós." (1 Coríntios 11:19)

Buscamos ser estes sinceros que se manifestam contra os erros. Servindo, acima de tudo, com compaixão.

Curriculum do Prof. Rev. Marco Cicco:

- ➔ Criador do Ministério *Evangelho Inegociável*;
- ➔ Pastor na Igreja Anglicana Reformada do Brasil;
- ➔ Professor no Seminário Ryle de Teologia (Disciplinas: Espiritualidade Cristã e Liderança Cristã);
- ➔ Bacharel em Ciências Contábeis;
- ➔ Bacharel em Teologia;
- ➔ MBA em Gestão de Risco e Compliance;
- ➔ MBA em Gestão Tributária;
- ➔ MBA em Gestão e Liderança de Equipes com Habilitação em Docência no Ensino Superior;
- ➔ Extensões Universitárias em Negócios, Custo e Administração Financeira.

Canal do Evangelho Inegociável no Youtube (onde o curso será disponibilizado):

<https://www.youtube.com/c/EvangelhoInegociável>

Blog:

www.evangelhoinegociável.com (com acento agudo mesmo)



GABRIEL FERREIRA

DESIGNER GRÁFICO | FREELANCER

Olá, sou Gabriel Ferreira, designer freelancer e criador da capa.
Inspiro-me no melhor designer e criador de todo universo, nosso Deus.

Te convido para conferir minhas redes sociais e acompanhar um pouco mais do meu trabalho.



/gfdesigner



@gsfdesigner